



Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciências da Informação e Documentação
Departamento de Administração

FERNANDO DA NÓBREGA JUNIOR

**UMA AVALIAÇÃO DE RESULTADOS: projeto Fortalecimento
da Estrutura Produtiva dos Grupos Vida e Preservação e Sabor
do Cerrado do Assentamento Colônia I – Padre Bernardo (GO).**

Brasília – DF
2010

FERNANDO DA NÓBREGA JUNIOR

UMA AVALIAÇÃO DE RESULTADOS: projeto Fortalecimento da Estrutura Produtiva dos Grupos Vida e Preservação e Sabor do Cerrado do Assentamento Colônia I – Padre Bernardo (GO).

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Professora Orientadora: Prof^ª Dra. Selma Lúcia de Moura Gonzales

Brasília – DF
2010

Nóbrega, Fernando Junior.

Uma avaliação de Resultados: projeto de fortalecimento da estrutura produtiva dos grupos Vida e Preservação Sabor do Cerrado do Assentamento Colônia I – Padre Bernardo (GO) / Fernando da Nóbrega Junior. Brasília, 2010.

75 f.: il

Monografia (bacharelado) – Universidade de Brasília, Departamento de Administração – EaD, 2010.

Orientadora: Profa. Dra. Selma Lúcia de Moura Gonzales, Departamento de Administração.

1. Avaliação.
2. Avaliação de Projetos sociais.
3. Assentamento da Reforma Agrária. I. Título

FERNANDO DA NÓBREGA JUNIOR

UMA AVALIAÇÃO DE RESULTADOS: projeto Fortalecimento da Estrutura Produtiva dos Grupos Vida e Preservação e Sabor do Cerrado do Assentamento Colônia I – Padre Bernardo (GO).

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Administração da Universidade de Brasília do aluno

Fernando da Nóbrega Junior

Dra. Selma Lúcia de Moura Gonzales
Professora-Orientadora

MSc. Marta Eliza de Oliveira
Professora-Examinadora (Tutora)

Dra. Fabrícia Pimenta
Professora-Examinadora

Brasília, 04 de dezembro de 2010

AGRADECIMENTOS

Esta monografia resultou de uma somatória de eventos aos quais serei eternamente grato.

Agradecido, primeiramente, às famílias do Assentamento Colônia I pela acolhida e confiança durante todos os meses de trabalho. Agradecimentos especiais aos Srs. João Batista Alves Ribeiro e Teobaldo Rocha, membros da diretoria da Associação dos Produtores do Projeto Colônia I (APPC), que sempre apresentaram muita disponibilidade e paciência para esclarecer questões referentes ao assentamento, assim como também, pelo suporte prestado quando da pesquisa quantitativa.

Ao Sistema de Universidade Aberta do Brasil, Curso de Graduação em Administração a Distância, às instituições que se integraram e, principalmente, ao corpo docente da Universidade de Brasília, pólo ao qual estive vinculado, pela possibilidade de participar desse projeto piloto, que de uma forma democrática, permitiu que um expressivo segmento da sociedade brasileira pudesse participar dessa formação de nível superior.

Ao Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) que me apresentou à Associação dos Produtores do Projeto de Assentamento Colônia I, e disponibilizou suas instalações, acervo bibliográfico e informações, contribuindo para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos companheiros Cláudia Zulmira Cardozo Oliveira e Otávio de Souza. Lima Mascarenhas que participaram da jornada de constituição de marco zero dessa pesquisa, juntamente comigo. Assim como, aos meus colegas de curso, pelas discussões, reflexões e troca de experiências, que muito contribuíram para um bom aprendizado.

Ao colega Clayton Maciel, pela colaboração na tabulação e consolidação dos dados, ajuda imprescindível, levando em consideração a escassez de disponibilidade de tempo, colaboração sem a qual provavelmente não teria logrado êxito na presente pesquisa.

Finalmente, aos nossos parentes pela compreensão e apoio aos inúmeros momentos em que necessitei ausentar-me da convivência familiar. Também pelo estímulo deles à nossa busca pelo saber, em prol da evolução do ser e construção do conhecimento. E, finalmente, a essa força infinita que habita em cada um de nós – DEUS.

RESUMO

Na presente pesquisa foi realizada uma avaliação de resultados no projeto Fortalecimento da Estrutura Produtiva dos Grupos Vida e Preservação e Sabor do Cerrado do Assentamento Colônia I, em Padre Bernardo-GO, com caracterização dos beneficiários e identificação de variáveis econômicas, sociais e ambientais. Essa avaliação permitiu a comparação de variáveis, com percepção de evolução das mesmas. Nesse sentido, o processo avaliativo realizado em duas fases, momento zero (M_0) e momento 1 (M_1), serviu para identificar avanços e permitiu também diagnosticar situações que ensejaram algumas recomendações. O processo metodológico adotado contemplou na primeira fase (qualitativa), às observações simples e participante, utilização de grupo focal, entrevistas em profundidade e diagnóstico rápido participativo (momentos zero e um); na sequência aplicou-se questionário de natureza quantitativa, buscando apreender as dimensões da realidade sócio-econômica e ambiental do assentamento. Foram realizadas 6 entrevistas em profundidade, também dois grupos focais e diagnóstico rápido rural. Na dimensão quantitativa foram aplicados 18 questionários em dois momentos distintos (M_0 e M_1), num universo de 24 assentados. Foi realizada uma análise de conteúdo nos materiais qualitativos, compilado e analisado os dados de ordem quantitativa. Os resultados apontam para a existência de uma consciência ambiental refinada, no plano econômico, um caminho percorrido indicando melhorias, e, os indicadores sociais, em se tratando de uma região rural, se mostraram satisfatórios.

Palavras-chave: avaliação de resultados; assentamento; orgânicos.

LISTAS DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1	Seqüência lógica dos procedimentos metodológicos da análise de conteúdo	25
Figura 2	Categorias-síntese dos depoimentos dos assentados	25

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Situação dos indivíduos anterior ao assentamento	30
Gráfico 2	Inserção ao PA Colônia I	31
Gráfico 3	Motivo para entrada no assentamento	31
Gráfico 4	Natureza da produção	32
Gráfico 5	Apuração do saldo (atividades geradoras de receitas)	35
Gráfico 6	Quantidade de bens no assentamento	36
Gráfico 7	Acesso ao ensino	37
Gráfico 8	Acesso ao serviço médico	38
Gráfico 9	Acesso ao serviço odontológico	38
Gráfico 10	Acesso a iniciativas de inclusão social	39
Gráfico 11	Retirada de mata para fabricação de carvão	40
Gráfico 12	Realização de queimadas na propriedade	40
Gráfico 13	Tratamento do lixo nos lotes	41
Gráfico 14	Percepção da importância da presença dos associados nas reuniões	42
Gráfico 15	Confiança dos assentados nos dirigentes da associação	42
Gráfico 16	Confiança dos assentados no Conselho Fiscal	43
Gráfico 17	Percepção dos produtores da relação entre trabalho da associação e benefícios para o assentamento	43
Gráfico 18	Frequência de visita do técnico à propriedade	44
Gráfico 19	Origem do financiamento	45
Gráfico 20	Percepção dos produtores quanto ao apoio de instituições ao assentamento	46

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1	Conceitos de Avaliação	15
Quadro 2	Verbalização chave	26

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1	Composição da renda anual dos assentados em 2007, por segmento	33
Tabela 2	Composição da renda anual dos assentados em 2010, por segmento	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABONG	Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais
APA	Área de Proteção Ambiental
APPC	Associação dos Produtores do Projeto Colônia I
BB	Banco do Brasil
CDI	Comitê de Democratização da Informática
CNBB	Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
DER	Departamento de Estradas e Rodagem
DF	Distrito Federal
DRP	Diagóstico Rápido Participativo
Emater-DF	Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FBB	Fundação Banco do Brasil
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GIFE	Grupos de Institutos Fundações e Empresas
GTRA	Grupo de Trabalho de Apoio à Reforma Agrária
GO	Estado de Goiás
GVP	Grupo Vida e Preservação
GSC	Grupo Sabor do Cerrado
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ISPN	Instituto Sociedade, População e Natureza
M ₀	Momento Zero / Marco Zero
M ₁	Momento um
M ₂	Momento posterior
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MI	Ministério da Integração

MMA	Ministério do Meio Ambiente
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MSTB	Movimento Brasileiro dos Sem Terra
ONG	Organizações Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PA	Projeto de Assentamento
PROCERA	Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SENAES	Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério de Trabalho e Emprego
SM	Salário Mínimo
SR 28	Superintendência Regional 28 do INCRA
PPP-ECOS	Programa de Pequenos Projetos Ecosociais
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UnB	Universidade de Brasília
UNISOL	Universidade Solidária

SUMÁRIO

RESUMO	4
LISTAS DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS	5
LISTA DE TABELAS E ABREVIATURAS E SIGLAS	6
1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Formulação do Problema	11
1.2 Objetivo Geral	11
1.3 Objetivos Específicos	12
1.4 Justificativa	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 A importância da avaliação	14
2.2 Conceito – avaliação no sentido estrito	15
2.3 Avaliação de impacto ou resultados	17
3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	19
3.1 Tipo de pesquisa e delineamento	19
3.2 Localização e característica do assentamento	19
3.3 Características do projeto avaliado	19
3.4 População e amostra	20
3.5 Instrumentos de pesquisa	20
3.6. Coleta de dados e informações	21
3.7 Tabulação de dados	21
3.8 Limitação do método	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
4.1 Resultados qualitativos	23
4.1.1 Grupos focais e entrevistas em profundidade	24
4.2 Resultados quantitativos	30
4.2.1 Características gerais (pessoas e propriedade)	30
4.2.2 Natureza da produção	32
4.2.3 Dimensão econômica	33
4.2.4 Dimensão social	37
4.2.5 Dimensão ambiental	39
4.2.6 Associativismo	41
4.2.7 Assistência técnica	44
4.2.8 Financiamento	44
4.2.9 Parcerias	45
5 CONCLUSÕES	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICE I – Questionário para avaliação de resultados (momento 1)- PA Colônia I	51
APÊNDICE II – Grupo focal e entrevista em profundidade (2010)	63

1 INTRODUÇÃO

O terceiro setor brasileiro tem experimentado um crescimento sem paralelos. Tal fenômeno pode ser facilmente identificado pelo crescimento do número de entidades sem fins lucrativos em funcionamento no País - que saltou de 107 mil, em 1996, para 276 mil, em 2002, registrando um aumento de 157%¹ - ou, ainda, pela significativa participação que o setor possui atualmente na vida econômica do país.

Esse setor tem buscado minimizar muitas fragilidades que a sociedade apresenta nas suas diversas dimensões, sendo representado por ONG's de distintos formatos e finalidades: associações, fundações, OSCIPs, institutos, dentre outros. São muitas as questões a serem tratadas. No campo da gestão, ao lado de questões econômicas, debatem-se mais intensamente temas sociais e ambientais, no sentido de como podem ser tratados pelas organizações e incorporados aos processos gerenciais e estratégicos. Nesse sentido, os termos responsabilidade social corporativa e, mais recentemente, responsabilidade socioambiental passam a ser muito mencionados.

O conceito de responsabilidade social corporativa começou a surgir no Brasil durante a década de 1990 e tem como principal fonte de financiamento recursos oriundos do patrocínio de empresas ou de suas Fundações/Institutos. A evolução do conceito permitiu uma maior sensibilização do mundo empresarial para as questões de responsabilidade socioambiental. Contudo, essa não é uma questão restrita ao universo das empresas. Os desafios da sustentabilidade, que envolvem dimensões econômicas, sociais e ambientais, exigem a co-responsabilidade dos diversos atores sociais, sejam eles do Estado, do mercado ou da sociedade civil. Contudo, é de se ressaltar que as instituições que visam atuar responsabilmente no campo social necessitam demonstrar essa pretensão por meio de projetos e, para isso, precisa formulá-los.

Nesse sentido, Zezé Weis, representante do Banco Mundial, no 4º congresso GIFE, realizado em Curitiba – maio 2006, explicitou o seguinte raciocínio: “Toda ação filantrópica começa sempre com alguém que acredita em uma causa. Todo alguém que tem uma causa tenta sempre transformar sua causa em projeto. Toda causa que vira projeto requer investimento”. A linearidade dessa cadeia, provavelmente, justifica o porquê de um aumento tão vertiginoso nos investimentos sociais por parte das empresas. No entanto, recursos finitos

¹ Dados da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em parceria com o GIFE e a Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (ABONG). Vide *As Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos no Brasil*. 2. Ed. Brasília: IBGE, 2002. (Série Estudos & Pesquisas – Informação Econômica, n. 4).

requerem mecanismos de controle e avaliação para que sejam aplicados com eficiência, eficácia e efetividade.

Ao mesmo tempo em que se observa o crescimento da prática social entre empresas e instituições brasileiras, observa-se também a preocupação com os resultados alcançados, principalmente com respostas positivas aos diretamente interessados.

Quando essa demanda sobre os resultados torna-se uma voz mais presente, vincula-se essa temática automaticamente à dimensão avaliativa. Sobre isso se pode afirmar que a avaliação do trabalho social sempre foi uma questão bastante debatida e uma atividade pouco praticada. Perguntas surgem: Que projetos e programas estão dando certo? Quais deles não estão? Quais os custos e benefícios relativos de cada um deles?

Sem dúvida, os projetos e as políticas sociais recomendam e justificam avaliações permanentes, e de espectro amplo, não se limitando, naturalmente, a questões de natureza econômica.

Os projetos direcionados a assentamentos rurais da reforma agrária também necessitam de um olhar avaliativo. Afinal, como se encontra o desenvolvimento no campo (área rural), observando as premissas da sustentabilidade?

Nesse contexto, acredita-se que é importante a realização de uma pesquisa avaliativa de impacto ou resultados, tomando como base uma avaliação diagnóstica já realizada (marco zero), no Projeto de Assentamento Colônia I, Padre Bernardo (GO), buscando verificar a efetividade de projeto no âmbito da agroecologia (produção de hortifrutigrangeiros orgânicos). Ressalta-se que os assentados desse assentamento estão há 11 anos trabalhando e empenhando esforços junto com outras instituições parceiras na perspectiva de alcançar um desenvolvimento sustentável, com geração de trabalho e renda, preservação ambiental e cultural.

É de se ressaltar que ao se pretender avaliar o resultado ou impacto de alguma intervenção acontecida ou que venha acontecer, por meio de um projeto ou programa, é necessário um diagnóstico inicial ou marco zero para servir de base de comparação. Enfatiza-se que esse diagnóstico inicial já existe.

Os processos avaliativos podem subsidiar longas jornadas a serem construídas, podendo se constituir como marcos para processos de intervenções futuras, que visem uma transformação autêntica e genuína, de forma a promover melhoria na vida dos participantes de uma dada realidade.

1.1 Formulação do Problema

Ocorrem muitas razões para organizações se envolverem com questões sociais e ambientais e essas dificilmente são as mesmas de uma organização para outra. No entanto, as instituições se deparam com um problema em comum: a finitude de recursos para solução de problemas nesses referidos campos. Por isso, todo investimento que fosse realizado deveria ser melhor acompanhado em relação aos seus resultados.

No entanto, os projetos sociais de geração de renda muitas vezes carecem de uma avaliação de resultados que possa tanto aferir os impactos como subsidiar a formulação de novos projetos. Em virtude disso, busca-se nesse estudo suprir essa lacuna, verificando resultados de uma intervenção realizada por meio de projetos que visam aumentar a renda dos integrantes do Assentamento Colônia I – Padre Bernardo (GO).

Nesse contexto, esse projeto de pesquisa pretende responder a seguinte questão:

Quais os resultados dos projetos implantados e as condições existentes, no interior do Assentamento Colônia I?

É importante ressaltar que para uma real compreensão dos resultados alcançados nos projetos é necessário o entendimento das condições existentes no assentamento e, para isso, decorre que alguns aspectos necessitam ser melhores explicitados na busca de melhor responder a questão acima. Por isso, a clarificação das questões abaixo, torna-se importante para se atingir tal objetivo:

- Qual o perfil sócio-econômico dos assentados do Colônia I?
- Quais os problemas e ameaças enfrentadas pelo assentamento do Colônia I?
- Que potencialidades ocorrem no assentamento Colônia I?
- Que comportamentos os assentados apresentam em relação ao meio ambiente?

1.2 Objetivo Geral

Realizar uma avaliação de resultados, de forma a verificar a efetividade do projeto Fortalecimento da Estrutura Produtiva dos Grupos Vida e Preservação (GVP) e Sabor do Cerrado (GSC) do Assentamento Colônia I implantados no assentamento Colônia I – Padre Bernardo (GO) e ao mesmo tempo subsidiar a formulação de novas intervenções.

1.3 Objetivos Específicos

- a) Verificar os resultados do projeto de fortalecimento da hortifruticultura orgânica e das atividades do grupo Sabor do Cerrado no assentamento Colônia I – Padre Bernardo (GO).
- b) Estabelecer o perfil dos beneficiários do Assentamento Colônia I, conforme as variáveis econômicas, sociais e ambientais.
- c) Apresentar as necessidades e problemas enfrentados pelos assentados em seu trabalho com as atividades desenvolvidas e as potencialidades dessa população no enfrentamento dessas necessidades e problemas.
- d) Verificar o comportamento dos produtores participantes do assentamento em relação ao meio ambiente.
- e) Verificar o nível de organização social presente no assentamento.

1.4 Justificativa

O conhecimento de uma dada realidade é sempre complexo e requer uma reflexão metodológica, no sentido de respeitar os aspectos culturais locais. Agregue-se a isso, a constatação de que os estudos com ações de avaliação de resultados, ou mais precisamente alguns dos seus fatores, são incipientes. Assim, o presente trabalho se propõe a realizar uma avaliação de resultados, a partir de uma avaliação diagnóstica já existente, com o propósito de identificar elementos que podem ser aproveitados posteriormente na formulação de novos projetos.

Os assentamentos rurais muitas vezes não dispõem de um levantamento inicial e de uma avaliação de resultados, com a finalidade de diagnosticar a realidade presente nas suas diversas dimensões: econômica, social, ambiental e cultural. Por isso, projetos até bem intencionados, freqüentemente, são implementados e não alcançam os objetivos previstos.

Contudo, ao se pretender avaliar o resultado ou impacto do fortalecimento da estrutura produtiva dos grupos Vida e Preservação e Sabor do Cerrado é necessário um diagnóstico inicial ou marco zero para servir de base de comparação. Este já existe, o que propicia a condição de um levantamento de variáveis em tempo posterior (momento um), permitindo uma avaliação de resultados.

Ao mesmo tempo constata-se que os assentados do PA Colônia I vem trabalhando e empenhando esforços junto a várias instituições parceiras, na perspectiva de alcançar um

desenvolvimento sustentável, com geração de trabalho e renda, melhoria na qualidade de vida e com foco na preservação ambiental.

Por isso, o presente estudo se propõe a realizar uma avaliação de resultados com dupla finalidade: levantar elementos para promover uma reflexão sobre futuras intervenções, servindo de referencial para formulação de novos projetos. E, principalmente, verificar os resultados do projeto já implantado no âmbito da hortifruticultura orgânica (GVP) e do grupo Sabor do Cerrado (GSC).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A temática avaliação ganha relevância nos dias atuais, sendo considerada fundamental para qualquer projeto, serviço ou ação pública, devendo ser obrigatória em qualquer setor, principalmente, quando do envolvimento de recursos públicos, em projeto e programas sociais.

2.1 A importância da avaliação

As entidades dos setores público, empresarial e sem fins lucrativos deparam-se atualmente com questões complexas e emergenciais. À medida que aumenta a preocupação da sociedade com problemas generalizados e desconcertantes, aumentam também os esforços para resolvê-los.

Sobre essas questões Worthen, Sander e Fitzpatrick, comentam:

Órgãos coletivos, locais, regionais e nacionais lançaram uma verdadeira frota de programas com o objetivo de identificar e eliminar as causas ocultas desses problemas.

[...] Nos últimos anos, a escassez de recursos e os déficits orçamentários aumentaram ainda mais os desafios, pois os funcionários dos órgãos públicos e dos setores sem fins lucrativos tiveram de lutar para manter seus programas mais promissores à tona de água. Cada vez mais os legisladores e os administradores de programas têm de fazer opções difíceis, sendo obrigados a cancelar alguns programas ou partes deles para dispor de fundos suficientes para lançar ou dar continuidade a outros.

Para fazer essas opções com inteligência, os legisladores precisam de informações pertinentes a respeito da eficácia relativa de cada programa. Que programas estão dando certo? Quais deles não estão? Quais os custos e benefícios relativos de cada um deles? Da mesma forma, o administrador de cada programa precisa saber o grau de eficiência de cada parte de seu programa. [...] Que adaptações aumentariam a eficiência do programa? Responder a essas perguntas é a principal tarefa da **avaliação** de programas (WORTHEN, SANDERS e FITZPATRICK, 2004, p.34)

Sem dúvida, os problemas e as políticas sociais recomendam e justificam avaliações permanentes, e de espectro amplo, não se limitando, naturalmente, a questões de natureza econômica. Estando as questões propostas por Worthen, Sanders e Fitzpatrick bem respondidas por meio de processos avaliativos, as instituições envolvidas com financiamento ou manutenção de programas/projetos terão um maior embasamento, tais como os legisladores, para discernir melhor sobre a aplicação dos recursos, podendo até mesmo descontinuar alguns programas/projetos que não estão sendo efetivos.

2.2 Conceito – avaliação no sentido estrito

Entre avaliação em sentido lato (informal) e a avaliação em sentido estrito (sistemática), não há uma diferença de propósitos, mas de métodos.

Quando se fala de avaliação em sentido estrito, sempre se faz referência à pesquisa avaliativa. A pesquisa avaliativa não possui métodos e técnicas próprios, ela utiliza os mesmos métodos e técnicas da pesquisa social.

Uma pré-condição de qualquer estudo avaliativo é a presença de alguma atividade cujos objetivos tenham algum tipo de valor. Não deixa de ser a avaliação um ato de valoração, que implica algum tipo de julgamento.

Segundo Rodrigues (2005), avaliar é a arte de comparar resultados, entre o planejado e o efetivamente alcançado. Essa percepção está presente em alguns conceitos existentes na literatura que corroboram com essa posição, inclusive, desde precursores com o Tyler, considerado o pai da pesquisa avaliativa, vejamos isso no quadro abaixo:

O processo tem por objetivo determinar até que ponto foram alcançados os objetivos previamente estabelecidos (Tyler, 1942).
Mais fundamentalmente, a pesquisa de avaliação é apropriada sempre que uma intervenção social ocorre ou é planejada. Uma intervenção social é uma ação considerada em um contexto social como propósito de produzir algum resultado desejado. No seu sentido mais simples, a pesquisa de avaliação é um processo para determinar se os resultados almejados foram alcançados (BABAI, 1995).
A avaliação consiste em analisar as discrepâncias entre o que é e o que deve ser; ou, em outras palavras, a disparidade entre uma situação desejada ou esperada e outra existente e real (KAUFMAN; ENGLISH, 1979).
[...] a constante [referindo-se a avaliação ²] é, por um lado, a pretensão de comparar um padrão almejado (imagem-objetivo em direção à qual se orienta a ação) com a realidade (a medida potencial na qual esta vai ser modificada, ou o que realmente ocorreu como consequência da atividade empreendida) e, por outro lado a preocupação em alcançar eficazmente os objetivos propostos (COHEN & FRANCO, 1993, p.73).

Quadro 1 – Conceitos de Avaliação

Percebe-se que em todos os conceitos apresentados acima acerca da avaliação uma constante se faz presente, ou seja, o fato de se comparar o pretendido com o alcançado. Desta forma, esse parece ser um componente central desse constructo, estando os resultados alcançados diretamente vinculados a essa comparação.

Contudo, Aguilar & Ander-Egg (1994), apesar de assumirem que a idéia de avaliação entendida como comprovação dos objetivos propostos é bastante difundida no meio educativo, entendem esse enfoque como insuficiente para o campo da ação social.

No âmbito do trabalho social, ocorrem definições de avaliação com um apelo mais pragmático. Aguilar & Ander-Egg (1994), citam algumas dessas definições:

² Esclarecimento nosso.

A avaliação só será útil se for utilizada como meio para melhorar um programa. É necessário conhecer as qualidades e as fraquezas de um programa para poder modificá-lo à medida que for preciso (NATARAJAN, 1983).

A avaliação é um estudo sistemático, dirigido e realizado com o fim de ajudar a um grupo de clientes a julgar e/ou aperfeiçoar o valor e/ou o mérito de algum objeto (STUFFLEBEAM & SHINKFIELD, 1987).

Processo sistemático de coleta e valoração de informação útil para uma eventual tomada de decisões (CRONBACH, 1983).

É interessante destacar essa preocupação desses autores quanto aos aspectos mais pragmáticos da avaliação, tendo em vista que a ambiência gerencial sempre requererá componentes que permitam uma intervenção numa dada realidade e, para isso, sugestões e recomendações com componentes de pragmatismo são valorizadas.

Apesar dessa valorização a aplicabilidade da avaliação, ainda na visão dos autores Aguilar & Ander-Egg (1994), existem contribuições conceituais que não poderiam deixar de ser citadas, por sua precisão e abrangência:

A avaliação é um processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e do mérito das metas, do planejamento, da realização e do impacto de um objeto determinado, com o fim de servir de guia para tomar decisões, solucionar os problemas de responsabilidade e promover a compreensão dos fenômenos implicados (STUFFLEBEAM et al., 1971 apud AGUILLAR & ANDER-EGG, 1994, p. 30).

A avaliação é um processo que consiste em determinar e em implicar critérios e normas com o fim de fazer um juízo sobre os diferentes componentes do programa, tanto no estágio de sua concepção, como de sua execução, assim como sobre as etapas do processo de planejamento que são prévias à programação (PINEAULT & DAVELUY, 1987 apud AGUILLAR & ANDER-EGG, 1994, p.31).

A pesquisa em avaliação é uma empresa racional que examina os efeitos das políticas e dos programas de suas populações-objeto (indivíduos, grupos, instituições, comunidades) em termos dos fins que pretendem alcançar. Por métodos objetivos e sistemáticos, a avaliação mede a extensão na quais os referidos fins são alcançados e observa os fatores associados ao êxito ou ao fracasso de seus resultados. Supõe-se que apresentando “fatos”, a avaliação auxilia a tomada de decisões para a escolha inteligente entre cursos de ação. Os dados precisos e não torcidos sobre as consequências dos programas melhorarão esta tomada de decisões. (WEISS, 1980 apud AGUILLAR & ANDER-EGG, 1994, p. 31).

Os autores acima chamam a atenção para que as informações criteriosamente obtidas, sejam valoradas, ou seja, se construam juízos que sirvam de subsídios para tomadas de decisões. Ressalte-se que isso tem que ser buscado por meio de métodos científicos que permitam se apreender no máximo a realidade do que está sendo avaliado. Só assim é possível se criar um juízo de valor mais fidedigno sobre as ocorrências de um projeto e, desta forma, o segmento gerencial envolvido com o projeto pode adotar as melhores medidas visando o alcance dos objetivos almejados.

Uma definição mais generalizada sobre avaliação vem da UNESCO:

“a avaliação é um processo que se destina a determinar sistemática e objetivamente a pertinência, eficiência, eficácia e impacto de todas as atividades à luz de seus objetivos. Trata-se de um processo organizacional para melhorar as atividades que estão em andamento e auxiliar a administração no planejamento, programação e decisões futuras” (ONU, 1984).

Por fim, apresenta-se um conceito de ordem mais geral, englobando diversas dimensões e, de certa forma contemplando as definições anteriores:

A avaliação é uma forma de pesquisa social aplicada, sistemática, planejada e dirigida; destinada a identificar, obter e proporcionar de maneira válida e confiável dados e informação suficiente e relevante para apoiar um juízo sobre o mérito e o valor dos diferentes componentes de um programa (tanto na fase de diagnóstico, programação ou execução), ou de um conjunto de atividades específicas que se realizam, foram realizadas ou se realizarão, com o propósito de produzir efeitos e resultados concretos; comprovando a extensão e o grau em que se deram essas conquistas, de forma tal que sirva de base ou guia para uma tomada de decisões racional e inteligente entre cursos de ação, ou para solucionar problemas e promover o conhecimento e a compreensão dos fatores associados ao êxito ou ao fracasso de seus resultados (AGUILLAR & ANDER-EGG, 1994, p.31-32).

De maneira geral, Aguillar & Ander-Egg traz um conceito que enfatiza avaliação como uma pesquisa científica, no entanto não sub-dimensiona a importância do pragmatismo da mesma e, também, não negligencia a comparação entre o proposto e o realizado/alcançado, isso em relação aos objetivos.

Por isso, o conceito que busca pautar o escopo desse trabalho, referenciado no panorama conceitual acima descrito, busca considerar esses elementos que se entende como essenciais. A seguir explicita-se, então, o referido conceito:

Avaliação é um conjunto de atividades que visa à comparação de resultados entre o planejado e o alcançado. Fundamenta um juízo de valor sobre diferentes componentes de um projeto ou programa. Subsidiaria uma base para tomada de decisões racionais com o objetivo de solucionar problemas ou entender fatores de sucessos/fracassos relativos aos resultados, considerando às dimensões de eficácia, eficiência e efetividade.

A seguir se discorre sobre avaliação de impacto ou de resultados, em função de sua importância para o presente trabalho.

2.3 Avaliação de impacto ou de resultados

Segundo Draibe (2001) as avaliações de impacto tratam de aferir as “mudanças” pretendidas ou, caso se queira, os resultados mais duradouros, verificados no grupo-objetivo. É entendida como sendo uma análise das mudanças duradouras ou significativas, previstas ou não, na vida dos indivíduos, grupos familiares ou comunidades, ocasionadas por determinada ação ou série de ações, decorrente de uma política, projeto social ou programa.

No horizonte desse trabalho, é sobre a avaliação de impacto ou de resultados que recai o interesse imediato, tendo em vista que é ela que necessita de um levantamento inicial, avaliação de marco zero ou diagnóstica, como requisito para que numa fase futura possa se completar o ciclo avaliativo. Nesse sentido, o diagnóstico já desenvolvido serviu de marco zero para a avaliação de resultados que se desenvolveu por meio deste trabalho, sobre a realidade do assentamento Colônia I.

Nessa perspectiva, o Manual de Avaliação: metodologia para avaliação dos resultados, desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas em parceria com a Fundação Banco do Brasil, discorre sobre a metodologia de como ocorre o processo de uma avaliação de impacto ou resultados, apresenta assim esses aspectos:

O momento zero (M_0), também conhecido como marco zero, é de extrema importância para a aplicação do modelo de avaliação de impacto, pois é nessa fase que são levantadas as informações relevantes referentes às pessoas que compõem tanto o grupo do experimento como o(s) grupo(s) de controle, e que vão servir de base (*baseline*) para, daí para frente, se poder acompanhar os resultados advindos da implementação do programa. Também conhecida como “avaliação de marco zero. Uma avaliação de impacto requer pelo menos dois momentos de pesquisa de campo: no momento zero (M_0), antes de ter início a intervenção social; e no momento um (M_1), depois de haver transcorrido tempo suficiente para se pretender avaliar os seus efeitos.

No momento seguinte (M_1), a ser definido de acordo com os coordenadores do programa social, a pesquisa de campo deve ser reaplicada. É quando se volta ao conjunto dos mesmos entrevistados do momento zero (M_0) e se aplica novamente o instrumento de avaliação utilizado em M_0 .

Com isto, o que se pretende é verificar se as variações (melhoras) observadas entre M_0 e M_1 para o grupo do experimento - em M_1 - foram significativamente maiores (melhores) do que as variações observadas para o(s) grupo(s) de controle - também em M_1 . É a chamada avaliação somativa ou avaliação de resultados.

Novamente a pesquisa de campo pode ser repetida em outro momento posterior (M_2), e assim sucessivamente os resultados podem ir sendo acompanhados.

Como se percebe, o que é feito é uma comparação longitudinal no tempo entre os resultados observados para os grupos do experimento e de controle, e sempre tomando como base de comparação (*baseline*) os dados levantados no momento M_0 para cada caso” (Manual de avaliação: metodologia para avaliação de resultados, p.21-22).

Essa metodologia acredita-se ser adequada e, já sendo validada em outros eventos avaliativos, tem-se como instrumental válido para os interesses deste trabalho.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

3.1 Tipo de pesquisa e delineamento

A pesquisa desenvolvida tem características do tipo exploratória, uma vez que se necessitava de uma melhor compreensão da dinâmica do assentamento e, também, teve uma natureza descritiva. Buscou-se no seu delineamento alcançar todos os assentados do Assentamento Colônia I.

3.2 Localização e características do assentamento

Localização: zona rural do Município de Padre Bernardo – GO

Quantidade de famílias assentadas: 24

Legítima Ocupação – Incra: 1996

Área: 598 ha

Representação legal: Associação de Produtores do Projeto de Assentamento Colônia I (APPC).

Grupos informais no Projeto de Assentamento (PA) Colônia I:

- Grupo Vida e Preservação (GVP): envolve 08 famílias que trabalham com a produção de hortifrutigrangeiros orgânicos. A produção é comercializada por meio da venda direta nas propriedades e pontos de vendas semanais (UnB, Incra e MMA) em Brasília.
- Grupo Sabor do Cerrado (GSC): formado por 12 mulheres que produzem artesanato e preparam lanches, refeições e coquetéis para eventos.

Parcerias Institucionais: GTRA – UNB; UNISOL - PETROBRAS; ISPN – PPP ECOS; CDI; Embrapa Cerrados; Embrapa Hortaliças; EMATER-DF; INCRA SR-28.

3.3 Características do projeto avaliado

Denominação: Fortalecimento da Estrutura Produtiva dos Grupos Vida e Preservação e Sabor do Cerrado do Assentamento Colônia I

Valor total do Projeto: R\$ 100.000,00 (cem mil reais)

Objetivo Geral: Promover melhoria de infra-estrutura do PA Colônia I de forma a otimizar as atividades produtivas do Grupo Vida e Preservação e Grupo Sabor do Cerrado, ampliando as possibilidades de geração de renda, aumento da qualidade de vida e condições de produção das famílias assentadas.

Objetivos Específicos:

- a) Garantir abastecimento e otimizar o uso da água ao longo do ano por meio de:
 - Implantação de sistema de irrigação;
 - Manutenção de 30 barraginhas assoreadas;
 - Construção e reforma de cisternas.
- b) Viabilizar a produção de hortaliças orgânicas na época das chuvas excessivas por intermédio de:
 - Construção de 7 estufas;
 - Reforma de cisternas já existentes no assentamento;
 - Melhoria do sistema de bombeamento de água captada pelas cisternas para as hortas.
- c) Ampliar a produção e a qualidade dos serviços e produtos oferecidos pelo Grupo Sabor do Cerrado por meio de:
 - Equipar a cozinha industrial existente no assentamento.

3.4 População e amostra

A população foi definida pelo quantitativo de integrantes, assentados do Colônia I, que são em número de 24. A amostra foi constituída por todos os assentados do assentamento, portanto a pesquisa, na sua dimensão quantitativa, tinha um caráter censitário. No entanto, restringiu-se a 18 integrantes do assentamento, devido dificuldades de acesso a todos.

3.5 Instrumentos de pesquisa

Foi realizada a pesquisa utilizando-se de instrumental quantitativo e qualitativo, sendo essa a natureza da pesquisa: quali e quanti. A fase qualitativa, contemplou: observações simples e participante, utilização de grupo focal, entrevistas em profundidade e Diagnóstico Rápido Participativo – DRP. Na seqüência, foi utilizado um questionário de natureza quantitativa, buscando apreender as dimensões da realidade sócio-econômica e ambiental do assentamento.

3.6 Coleta de dados e informações

Os dados e informações foram coletados em duas fases, conforme abaixo:

a) Fase qualitativa

Registro de observações realizadas nas visitas aos lotes e associação, por meio de cinco visitas.

Realização de grupo focal (2008), com as lideranças, representantes e membros do assentamento, vinculados à Associação do Projeto de Assentamento Colônia I, Padre Bernardo – GO. Esse grupo focal foi realizado com 6 integrantes do assentamento, na sede da Associação, buscando-se mesclar o grupo com associados e integrantes da diretoria. O material do grupo foi gravado para posterior transcrição. O mediador do grupo estimulou o grupo na direção de questões. Ocorreu ainda 5 entrevistas em profundidade e a aplicação de um Diagnóstico Rápido Participativo – DRP. Em 2010, foi realizado novamente um outro grupo focal, desta vez com apenas três integrantes, e, uma entrevista em profundidade.

b) Fase quantitativa

Aplicação de questionários, com o objetivo de levantamentos de dados exploratórios e constituição de diagnóstico. Foram aplicados questionários em 18 assentados do Assentamento Colônia I. No momento um, o questionário que já tinha sido validado na avaliação da fase diagnóstica, foi reaplicado com fins de verificação de resultados. É de se ressaltar que nos dois momentos (zero e um) os questionários foram aplicados sobre os mesmos respondentes.

3.7 Tratamento de dados

O tratamento de dados da fase qualitativa se deu por meio da análise de conteúdo do grupo focal e das entrevistas em profundidade.

Os dados quantitativos foram compilados em aplicativo Excel. Aplicou-se a função matemática média aritmética e percentual para aferir o posicionamento das variáveis pesquisadas. Traduziu-se isso em gráficos para uma melhor visualização e análises.

A análise conjunta dos dados e informações, advindas das fases qualitativa e quantitativa, constituiu a avaliação do Assentamento Colônia I.

3.8 Limitação do método

O estudo de caso realizado não tem um poder de generalização, uma vez que se busca conhecer apenas uma realidade circunscrita a um único assentamento. Outra limitação é o fato da metodologia a ser utilizada não prever a existência de grupo de controle, sendo apenas projetado um estudo longitudinal alicerçado em grupo único, assentados do Assentamento Colônia I.

A opção pela não utilização de ferramentas estatísticas mais complexas na análise dos dados não permitiu um estudo correlacional de maior abrangência.

Acredita-se que as limitações do método, embora existam e possam restringir a significância dos dados, não invalidam os resultados da pesquisa. Nesse sentido, Sykes (1991) comenta que a aderência excessivamente rígida ao método estatístico também pode impor limitações à pesquisa. Ademais, de acordo com o mesmo autor, uma pesquisa não precisa ser necessariamente comprobatória, mas, sim, comprovável.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo pretende analisar e discutir os resultados da pesquisa avaliativa, visando atingir o objetivo do trabalho qual seja:

- Realizar uma avaliação de resultados, de forma a verificar a efetividade do projeto Fortalecimento da Estrutura Produtiva dos Grupos Vida e Preservação e Sabor do Cerrado do Assentamento Colônia I implantados no assentamento Colônia I – Padre Bernardo (GO) e ao mesmo tempo subsidiar a formulação de novas intervenções.

O referencial teórico utilizado nesse trabalho permitiu adaptar modelo de questionário utilizado pela FGV, em sintonia com o que se buscava investigar:

- a) Verificar os resultados do projeto de fortalecimento da hortifruticultura orgânica e das atividades do grupo Sabor do Cerrado no assentamento Colônia I – Padre Bernardo (GO).
- b) Estabelecer o perfil dos beneficiários do Assentamento Colônia I, conforme as variáveis econômicas, sociais e ambientais;
- c) Apresentar as necessidades e problemas enfrentados pelos assentados em seu trabalho com as atividades desenvolvidas e as potencialidades dessa população no enfrentamento dessas necessidades e problemas;
- d) Verificar o comportamento dos produtores participantes do assentamento em relação ao meio ambiente;
- e) Verificar o nível de organização social presente no assentamento.

Apresenta-se os resultados em duas dimensões: qualitativos (grupo focal, entrevistas em profundidade) e quantitativos (aplicação de questionários).

É importante ressaltar que os indicadores de renda, sociais e ambientais foram levantados, em relação ao momento zero (M_0), no ano base de 2007. Os dados relativos ao momento 1 (M_1) foram levantados em outubro de 2010. O propósito é analisar a evolução ou involução desses indicadores.

4.1 Resultados Qualitativos

Apresenta-se a seguir os aspectos qualitativos da pesquisa, oriundos de grupo focal e entrevistas em profundidade.

4.1.1 Grupos focais e entrevistas em profundidade

A realização do grupo focal e das entrevistas em profundidade, com as lideranças do assentamento e alguns assentados, foi prevista e realizada na fase inicial - momento zero (M_0), dando subsídio à construção dos instrumentos de quantitativos de coleta de dados, que tiveram como referencial inicial instrumentos já utilizados pela Fundação Getulio Vargas. Também tinha-se por finalidade, com a aplicação dessas técnicas, adquirir um conhecimento maior da realidade do assentamento. No momento 1 (M_1) também foi utilizado as mesmas técnicas: grupo focal e entrevista em profundidade.

Foram realizados dois grupos focais e 6 entrevistas em profundidade, com representantes dos grupos “Vida e Preservação” e “Sabor do Cerrado”. Os grupos focais contaram, nos dois momentos distintos (M_0 e M_1), com a participação de 5 e 3 assentados, respectivamente, destacando-se a participação da diretoria da associação e de mais um produtor do assentamento no momento inicial (M_0) e de três ex-representantes da diretoria no momento 1 (M_1), uma vez que a diretoria tinha sido renovada recentemente. Para maior fidedignidade da análise dos depoimentos, todas as entrevistas foram gravadas, com exceção da realizada com um assentado no ponto de comercialização.

As entrevistas e grupo focal fizeram parte diretamente da avaliação do assentamento, pois apesar de constituírem fases preliminar e final, apresentaram elementos que auxiliou nas conclusões deste trabalho. Assim, por essas entrevistas comporem o conjunto da avaliação, deu-se origem a 6 (seis) categorias-sínteses, com respectivo conjunto de verbalizações-chave, que espelham a percepção dos assentados.

A realização dessa etapa de coleta de dados compreendeu a análise de conteúdo do material coletado por meio de análise categorial indutiva, tendo como unidade de registro os temas relacionados ao Assentamento Colônia. Para realização do procedimento de análise de dados foram executados os seguintes passos: escuta das entrevistas realizadas (com transcrição de alguns trechos); leitura flutuante do material transcrito; codificação; seleção de verbalizações-chave; identificação de temas; atribuição de nomes as categorias-síntese.

Por meio da Figura 1 é representada graficamente a seqüência lógica dos procedimentos metodológicos utilizados para a análise de conteúdo no desenvolvimento do trabalho proposto.

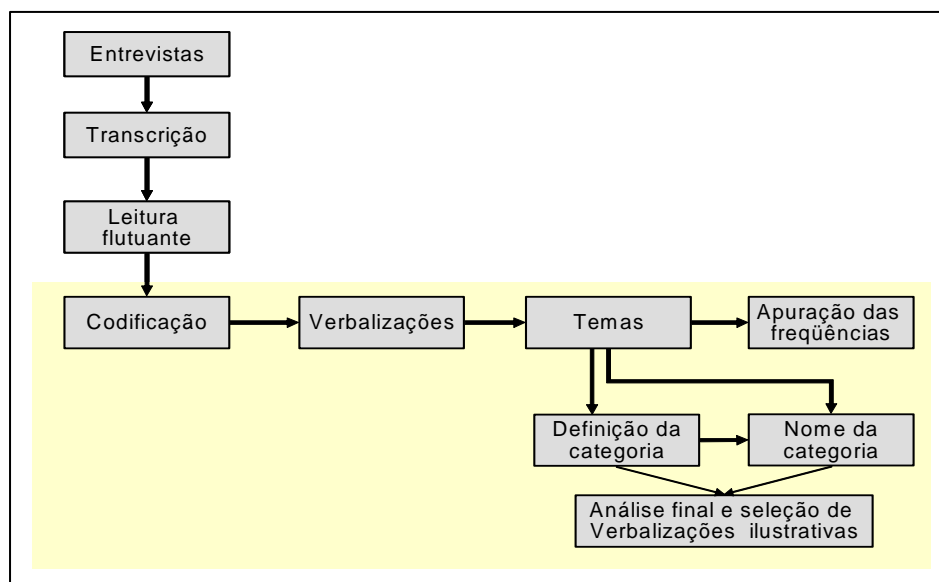


Figura 1: Seqüência lógica dos procedimentos metodológicos da análise de conteúdo

Considerando as categorias-síntese para cada um dos grandes temas, foi registrado as verbalizações dos entrevistados que ilustram o núcleo de sentido expresso pela categoria. Assim, foi feita a articulação dos elementos sintáticos e semânticos dos textos das entrevistas a fim de permitir a reconstrução dos “mapas de conhecimento” presentes no discurso dos pesquisados. As categorias-síntese dos depoimentos dos assentados, que emergiram da análise de conteúdo das entrevistas, encontram-se a seguir:



Figura 2 - Categorias-síntese dos depoimentos dos assentados

O quadro abaixo, apresenta as verbalizações inerentes a essas categorias-síntese:

Categorias – Sínteses	Verbalizações-chave
<p>Início do Assentamento</p>	<p>“O assentamento surgiu a partir do movimento, o movimento sem terra. Um grupo de agricultores se organizaram. Já tinha estado na terra, mas também da área urbana, outros trabalhando de meeiro. E se organizaram com o objetivo de ocupar a terra. Começou com o meu pai e o Sr. Teobaldo, que foram os fundadores. Esse grupo teve contato com o MST, o movimento cresceu. Isso se deu em 94. E se deu em várias fazendas: na Chapinha, também na Dois Irmãos. Era um grupo maior, uns ficaram na Colônia I, outros no Colônia II, o grupo se expandiu. O Colônia I não tinha estrutura para receber todas essas famílias”. (Participante 01 - 2008)</p> <p>“Nasceu em 94, precisamente em maio de 1994. surgiu pelo sul do país e chegou aqui para atender aqueles que estavam na periferia, sem trabalho, ou eram meeiro, ou ainda trabalhavam nas fazendas ganhando uma miséria. Chegou-se a ter 240/250 famílias em busca de terra. Na época você não era respeitado pela própria polícia que a gente paga, que achava que todo mundo era bandido, vagabundo. Eram discriminados, até nossos filhos não podiam ir para a escola porque não tínhamos endereços. Nunca vi tanta polícia para nos tirar de uma propriedade que é do Estado, mas alguém disse que era dele, não tem como comprovar e agente pegou essa terra aqui, o INCRA deu o aval e agente veio pra cá. Várias vezes fomos tirados para fora e voltamos. Mas quando agente tem um objetivo agente consegue, Conseguimos ficamos 24 famílias aqui. Eu acho que é isso, cada um lutando pela sua cidadania, que é muito importante”. (Participante 02 - 2008)</p> <p>Nós fizemos várias, passamos por vários processos, dá para tirar uma avaliação de experiências porque quando nós começamos trabalhava com a área coletiva, 2002 até 2006, nós trabalhou na área coletiva. Então nós tivemos uma experiência aonde o grupo cresceu muito em posições ideológicas, construções que a gente tinha alguma coisa traçada, agente trabalhava com o grupo Vida e Preservação, agente trabalhava em 01 ha e procurou construir o galpão coletivo, comprou uma Kombi coletiva e demos vários focos para o grupo e quando a gente sentiu a necessidade de ir para a propriedade. (Participante 01- 2010)</p>
<p>Sabor do Cerrado</p>	<p>“Isso aqui é muito bom. Podia ser melhor, com a ajuda dos governos. Mas a gente vai lutando. Tem os parceiros que ajudam a gente, mesmo que não traga muito, mas a pequena contribuição que traga já ajuda. A UnB vem por aqui compra nossos produtos. As parcerias são muito saudáveis. O processo com o ISPN, a Central do Cerrado, como é que poderíamos ter uma coisa dessa, com Internet e tudo mais.a SENAES, a Associação do Ministério do Meio Ambiente, o próprio INCRA, o MDA a Secretaria do Meio Ambiente. Essas parcerias são saudáveis. A incubadora social da UnB. São parcerias que são fantásticas. Então a gente mora aqui, tem nossa casa, nosso alimento. É a melhor coisa do mundo”. (Participante 02 - 2008)</p> <p>“E o Sabor do Cerrado são 14 mulheres que não está se falando só de sete famílias, já está se abrangendo outras famílias que o grupo Vida e Preservação deu suporte para isso estar atendendo a essas outras famílias”. (Participante 01 – 2010)</p> <p>O grupo Sabor do Cerrado, a gente percebe uma evolução bem grande, bem maior que o Vida e Preservação. A Central do Cerrado tem dado um apoio muito bom, a Fundação e a UnB também, tem ajudado e o grupo tem melhorado bem. (Participante 02 - 2010)</p> <p>E elas estão andando. E o grande avanço foi esse apoio que a Central do Cerrado deu, seu Teobaldo já colocou, e a Universidade de Brasília que fechou com elas um evento assim; café da manhã, lanche, almoço, lanche a tarde e janta. (Participante 01 - 2010)</p> <p>“Bem expandiu bastante o nosso trabalho. Teve grande desenvolvimento das mulheres, né. Bastante oportunidade de emprego que agente teve e no momento os equipamentos foi ideal, foi excelente porque ajudou muito o nosso trabalho porque a gente precisava, inclusive o atendimento que estamos fazendo a UnB já é com os novos equipamentos doados pela Fundação Banco do Brasil”. (Participante 03 - 2010)</p>

<p>Água – Fator limitante</p>	<p>“Quanto a produção de orgânicos, nós temos problema grave aqui: a água. Maio, junho, julho, agosto, começa a cair a nossa produtividade porque falta água. Então foi o que aconteceu. Fracassou? Não, não fracassou. Vamos buscar alternativas. Foi quando as mulheres começaram a fazer os biscoitos e ajudar a nós”. (Participante 01 - 2008)</p> <p>“Expandimos nossos pontos de comercialização para o Sudoeste, Octogonal, UnB, logo depois do INCRA, e agora também temos um ponto no Ministério do Meio Ambiente. Abriu-se muito espaço, mas o problema foi a infra-estrutura da água”. (Participante 01 - 2008)</p> <p>“Temos um grupo bom que está produzindo orgânico já nas propriedades, temos pessoas capacitadas, jovens capacitados, temos consumidores já cativos, vamos colocar a internet e podemos vender via internet. Tem muitos planos e muitos acertos e erros nesses cinco anos. Mas começa a cansar o problema da água, do transporte. O mercado não pode ter erro não, só pode ter acerto. O que agente tá precisando também, é resolver esse problema de infra-estrutura, que é a água, porque sem produção o projeto não anda. Tínhamos um projeto de vender R\$ 700,00 por feira, mas só conseguíamos vender R\$ 400,00 porque faltava produção devido a água. Vamos encarar o mercado ou vamos ficar só para nossa subsistência, o grupo tem que amadurecer essa decisão”. (Participante 01 - 2008)</p> <p>“A minha água que o ano atrasado agüentou a seca toda, no ano passado no mês de junho ela acabou. Aí o que é que vem, eu fiquei a seca toda só com um moranguinho ali, molhando um pouquinho, com muita economia. Quando chegou no final do ano, quando aconteceu que a água diminuiu nós cortamos o ponto da Octogonal e o do Parque das Colinas, não tinha mais produção. O INCRA o Meio Ambiente era uma sacolinha aqui outra ali. Você trabalha, trabalha e no final não dar para fechar aquela conta que você tinha. ... E a clientela fica perguntando para onde vocês estão indo, que tenho procurado vocês. No final do ano passado ainda teve uma chuva de granizo que acabou com praticamente toda a produção de morango, que nos deixou sem capacidade de investir. Mas o problema nosso chama-se falta de água. Nós temos um bom espaço, os companheiros sabendo do nosso trabalho, da nossa luta nos procuram, mas não tem como. É uma dificuldade que todos nós sente, a falta de água”. (Participante 04 - 2008)</p> <p>“Eu acredito que de uma maneira ou de outra, tem água daqui a 7 Km, uma barragem, ou o Governo Federal puxava para cá, ou a própria Associação pudesse abrir dois poços artesianos aí para que agende pudesse produzir. Não adianta agente produzir muito em torno de março e depois, no segundo semestre não ter como produzir. Você corre, corre, corre e depois volta para o mesmo lugar”. (Participante 02 - 2008)</p> <p>“Acontece que tem “n” pessoas que não tem essa consciência que está furando e sem nem um critério. Podíamos ter um critério de utilização de um poço para mais família, com um processo de maior racionalidade do uso da água, sistema alternativo de água: micro-aspersão, gotejador, molhar por gravidade”. (Participante 01 - 2008)</p> <p>“Quando eu cheguei aqui a minha cisterna dava com cinco metros e dava água direto. Eu molhava meio hectare de maracujá, duas vezes por dia. Hoje ela está com 10 metros. E se eu for cavar vai para dezoito, trinta metros; a água está sumindo. O Rui tinha uma de 13 metros e cavou uma de vinte e tantos metros e não deu água. O processo está muito avançado, o lençol está mais profundo. O poço artesiano vai resolver o problema?” (Participante 02 - 2008)</p> <p>“Parece que vai, mas até quando. Não temos gado mais por conta da água. Perdemos plantio por conta da água. Falta de água. Tenho três cisternas: uma com 33m outras com 17 m e outra com 13 m. Quando falta chuva, esse calorão forte, aí secou. Mal dá para beber e agora como é que nós faz? É parar. Essa falta de água não dá para fazer uma coisa melhor”. (Participante 05 - 2008)</p> <p>“Se eu precisar do IBAMA para fazer um estudo do impacto ambiental para trazer água por canal, tem uma população em cima que usa a água, que usa para consumo da própria comunidade. Tem uma cachoeira aqui. Furar o poço é a solução, não sei, pode ser de imediato, mas e amanhã?” (Participante 02 - 2008)</p> <p>“O poço artesiano pode ser uma solução, mas por estarmos numa APA, APA do Descoberto, precisamos rever nossas estratégias, não é seu Rui? A nossa própria consciência, por ser do grupo Vida e Preservação, proteger as nascentes, fazer viveiro e mudas, faz parte dessa discussão”. (Participante 01 - 2008)</p> <p>“ ... vários problemas, com problema de saúde e outro de água, estou sem água até para o uso doméstico, está complicado. Estou sem dinheiro para afundar a cisterna, já fiz cinco cisternas,</p>
--------------------------------------	---

	<p>agora esta já está emanilhada, mas eu tenho que afundar ela e eu não estou tendo dinheiro para afundar e comprar mais manilha por as que tem já colocou tudo para dentro e a água está pouca. (Participante 02 - 2010)</p> <p>“Nosso problema sempre foi água né. Fizemos mais ou menos uns oitenta encontros/reuniões com a UnB, fizemos captação, melhoramos cisternas, e a Fundação também trouxe melhorias e nunca tinha resolvido porque nós estamos num mercado escasso, porque é produção. E quando a gente fala em poço artesiano ninguém banca. Aí a associação tomou algumas iniciativas, nossa, particular. Seu Rui tinha um financiamento para receber do Incra, que não tinha recebido, aí abriu um poço. Aí eu e Osmar que estava mais perto, abrimos outro poço, semi, vou colocar semi. É o que está resolvendo, melhorou a produção”. (Participante 01 - 2010)</p> <p>E a gente tem a consciência, usa a compostagem, usa a microaspersão, usa o gotejador. Ainda tem essa consciência ainda. (Participante 01 - 2010)</p>
<p>Projeto</p> <p>Fundação</p> <p>Banco do</p> <p>Brasil</p> <p>(Percepção)</p>	<p>“Isso foi várias parcerias a Universidade, quando surgiu a Fundação Banco do Brasil que, dentro de questionário, dentro de avaliação, nós conjuntamente pedimos tecnologias que fossem viáveis para o desenvolvimento da agricultura familiar, envolvendo também a família. Foi quando veio uma parte da irrigação e uma parte das estufas. A irrigação atualmente deu um foco grande para produção, bastante produção apesar de alguns fatores, que tem que tá, tem que tá verificando o que não deu certo”. (Participante 01 - 2010)</p> <p>“Agora para os companheiros foi um achado, uma dávida, porque não é fácil montar um projeto daquele de irrigação não. Nós não teríamos condições de montar aquilo não. É caríssimo. E esse sistema que a gente montou aí, é um sistema que molha bem, aproveita 100% do que joga e distribui direitinho e normal, não era como o “satema” que tinha que está em cima, qualquer erro você perde uma molhada. Esse não, instalou lá, ele molha perfeitamente. Sistema muito bom, que só tem afirmação, somente positiva”. (Participante 02 - 2010)</p> <p>“Para mim esse sistema de irrigação está sendo bom, né? A dificuldade mais desse sistema de irrigação é para quem tem pouca água, mas os que tem água, né, tão produzindo. A dificuldade da água para quem não tem é mais complicado”. (Participante 06 - 2010)</p> <p>“E ajudou bastante nesses dois anos que a Fundação entrou, fortalecendo esse nosso trabalho desenvolvido desde oito anos atrás. E com certeza melhorou a qualidade de vida, a qualidade ainda tem muito o que melhorar, ajustar”. (Participante 01- 2010)</p> <p>“A qualidade de vida melhorou bastante, com essa irrigação aí, melhorou bastante, né”. (Participante 06 - 2010)</p> <p>“Com essa política da Fundação Banco do Brasil de desenvolver projetos nas comunidades de baixa renda, isso é uma afirmação muito positiva para o trabalho de vocês, que vocês fazem. É afirmativa, foi uma das melhores coisas que aconteceu aqui, está acontecendo”. (Teobaldo – 2010)</p> <p>“Houve bastante aumento de renda, porque como a gente trabalha, por exemplo, não é todo mês, mas sempre a gente tem uma oportunidade de estar, que nem par a UnB, a gente tira aí um salário mínimo. Agora o grupo que formar uma cooperativa para trabalhar com produtos derivados, então, assim, não sei se vai ser agora, mas é uma maneira que a gente está trabalhando e de envolver mais pessoas dentro do trabalho”. (Participante 03 - 2010)</p>
<p>Orgânicos –</p> <p>Grupo</p> <p>Preservação e</p> <p>Vida</p>	<p>“Quando eu estava sentindo umas dores muito fortes, fui operado e desenganado dos médicos também, chamei meu filho João Batista e disse: já estou nessa situação, agora eu vou plantar só coisa sem agrotóxico. A solução é mexer com coisas naturais. Começou assim”. (Participante 05 - 2008)</p> <p>“O primeiro projeto de orgânicos teve apoio da PETROBRAS, mas a decisão foi nossa também Teve a parte externa que a gente acha importantíssima, mas a parte interna que foi colocar a mão na massa. Acordar às 5:00 hs da manhã. A participação do Vida e Preservação”. (Participante 05 - 2008)</p> <p>“Estamos dentro de uma APA – Área de Proteção Ambiental, produzindo agricultura orgânica e passar isso para as escolas, para o aluno da escola pública de Goiás. Explicar o como e porquê estamos fazendo esse processo. Primeiro para nossa própria saúde e depois para dar sustentabilidade, isso é importantíssimo: educar o brasileiro lá na escola. Acho até que devia ser matéria curricular da escola: a sustentabilidade. Infelizmente não é, mas um dia vai chegar lá”.</p>

	<p>(Participante 02 - 2008)</p> <p>Grupo Preservação e Vida: “É assim. Diretamente a gente começou com 12 famílias, aí algumas famílias viram o processo, a gente tem que está comercializando, produzindo, tem as madrugadas, ficou de um lado, com participação em outras partes, que é, são as reuniões – nessa parte. Mas o grupo ele atende de forma indiretamente, nessa forma indiretamente. É vou dar o exemplo da contratação pela universidade (UnB) o produto está saindo daqui, para a produção lá, né. E o Sabor do Cerrado são 14 mulheres que não está se falando só de sete famílias, já está se abrangendo outras famílias que o grupo Vida e Preservação deu suporte para isso estar atendendo a essas outras famílias. Então a gente ver bastante válido, abrindo portas para que outras famílias que perdeu o processo, não entrou no processo, possa encontrar um caminho ou encontrar formas ou até animar para depois, então, assim, eu acho que ao todo a gente está atendendo uma quarenta pessoas de forma diretamente e indiretamente. Quer dizer, tudo torna-se como diretamente que elas estão trabalhando, prestando serviço nos eventos”. (Participante 01 - 2010)</p> <p>Produção: “Hoje ela está sendo mais volumosa. Agente está saindo daqui duas vezes por semana. A Kombi está saindo cheia”. (Participante 06 - 2010)</p> <p>Produção: “Todas as duas vezes cheia e, assim, porque não estão todas as famílias produzindo. E se todas as famílias estivessem produzindo a gente ia sair mais vezes, né.” (Participante 01 - 2010)</p> <p>Produção: “Mais vezes, e talvez a gente já tivesse trocado de carro. Porque a Kombi não comporta. Para dois pontos. A UnB, na terça-feira, e a 505 Norte. E se fosse para três pontos a Kombi não levava. Isso é uma afirmação positiva. A gente sempre usou ela e ia com três vendedores, às vezes quatro, e agora só vai aqueles dois e apertado. (Osmar - E do jeito que está indo não vai caber não.). Não vai não”. (Participante 02 - 2010)</p> <p>Resultados: “Agora com o morango, deu uma diferença, porque tem a safra do morango, mas é na média de R\$ 500,00 por família, por venda. R\$ 500,00 – R\$ 600,00, né. Isso está variando. Aí a gente tira as despesas com o transporte, que vai duas famílias, rateia isso aí, a alimentação e o investimento na horta. É em média quatro feiras que a gente faz, mas a gente manda também para os outros pontos e aí dá mais uns cem reais, quinhentos com mais cem dá seiscientos, dois mil e quatrocentos por mês. A gente aí, deve tirar aí, uns mil e duzentos de despesa com energia e tudo. E aí sobra essa faixa de R\$ 1.200,00”. (Participante 01 - 2010)</p>
<p>Crédito / Assistência Técnica</p>	<p>“O PROCERA foi a pior coisa que aconteceu para nós. Foi tudo de cima pra baixo. O técnico vinha com um projeto no papel que era a coisa mais linda, ia ser o maior sucesso. Nunca vi dizer que plantar 01 hectare de abóbora, de milho, de mandioca, com umas vaquinhas e galinhas vai dar lucro pra pagar empréstimo. Era tudo decidido por ele e a gente não podia mudar nada. Tinha que fazer uma coisa que a gente não acreditava. Puro dinheiro jogado fora. Tenho esse projeto guardado até hoje. Começou assim, projetos mal feitos”. (Participante 02 - 2008)</p> <p>“Vamos fazer uma dívida é uma solução? Não sei. Amanhã pode ser um problema. Se continuar nesse ritmo, vamos ter receitas para pagar essa dívida? Não sei. São perguntas sem respostas, mas agente tem que ir buscar essas respostas”. (Participante 01 - 2008).</p> <p>“Esse dinheiro só serviu para deixar a gente inadimplente. A gente plantou, a terra era fraca não produziu nada, não tinha pasto para as vacas... Agora a gente vai no Banco e tá com o nome no SERASA e com uma dívida de 20 anos pra pagar”. (Participante 05 - 2008)</p> <p>“As coisas começam errada não é daqui. Elas começam errado de lá para cá. O Governo gastou uma fortuna para formar técnicos filhos de assentados, formou. Só aqui dentro do Colônia tem dois. O Governo não usa, contratou uma empresa de fora, e deixa eles aí sem fazer nada. Então, porque gastou um dinheirão desse? Ele deve ter um mapeamento dele e usar. Eu tenho dois técnico dentro do assentamento que pode fazer o assentamento Colônia I, Colônia II, Veredas I e II, mas não. Contrata uma empresa por uma fortuna e deixa os técnicos desempregados”. (Participante 02 - 2008)</p> <p>“Para ser sincero agente não trabalha nem com a EMATER nem com a Agência Rural. Dizem que o INCRA fez um convênio com a Agência Rural para prestar assistência técnica, mas nós não tivemos, o contrato venceu no final do ano passado. Dizem que os outros assentamentos tem feito pedidos pra o INCRA”. (Participante 02 - 2008)</p> <p>“A EMATER teve conosco desde o começo, venceu o contrato e eles passaram um tempo dando assistência. Eles arranjaram muita coisa pra nós. O que eu aprendi, o pouco que aprendi, foi a</p>

<p>EMATER que passou para nós. Depois contrataram uma agência que nem vem aqui. O representante vem aqui como técnico com ordens. Nós não aceitamos isso, Ele tem a técnica e nós temos a prática. Temos uma cultura aqui dentro que precisa ser respeitada. Parece que não gostaram. Ficaram de fazer um projeto para agente e nunca fez. Tivemos uma chuva de granizo 02.11(2007) e eu fui lá no INCRA, que orientou fazer um projeto para acessar um recurso a juro de 1%. Precisava de um projeto da agência que foi mal feito e não foi homologado pelo INCRA. Conclusão: até hoje estamos sem o dinheiro”. (Participante 02 - 2008)</p> <p>“Se nós tivéssemos a EMATER como assistência técnica nossa ficaria mais fácil. Tem que voltar o convênio. Não é difícil ser feito, mas tem que trabalhar muito para fazer isso aí. Quando a EMATER estava aqui era mais fácil porque a gente arranjava muita coisa com eles. Como a EMATER não está, aí complica”. (Participante 02 - 2010)</p>
--

Quadro 2: Verbalizações-chave

4.2 Resultados Quantitativos

A seguir, apresenta-se os resultados da pesquisa quantitativa, uma vez que foram realizadas 18 entrevistas no assentamento Colônia I, situado no município de Padre Bernardo (GO), de um universo de 24 assentados. As informações coletadas serão apresentadas no seu conjunto. Para isso dividiu-se em algumas seções:

4.2.1 Características Gerais (Pessoais e propriedade)

Do contingente entrevistado, os dados registram que a origem dos assentados era predominantemente de trabalhadores rurais (66,7%), enquanto 16,7% eram parceiros ou meeiros. Por sua vez 5,56% na condição de ex-agricultor familiar. A situação de desempregado em 2007 se reverteu para trabalhador urbano em 2010, isso acarretou que tivéssemos uma diferença nessas variáveis em relação aos dois momentos da pesquisa.

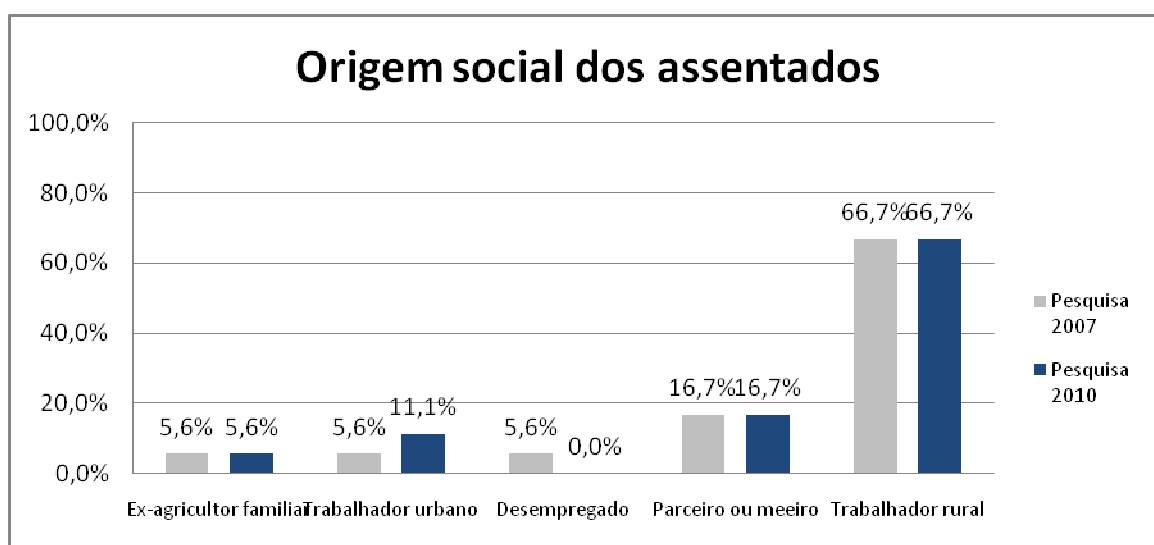


Gráfico 1: Situação dos indivíduos anterior ao assentamento.

Quando perguntado sobre a forma de entrada dos indivíduos pesquisados para o assentamento, obteve-se os resultados apresentados no gráfico a seguir:

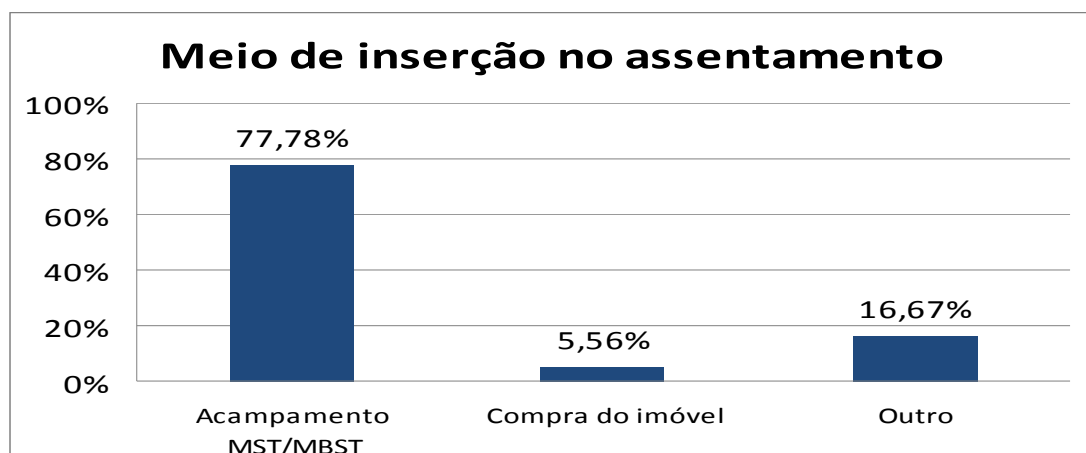


Gráfico 2: Inserção ao PA Colônia I

A entrada para o assentamento se deu essencialmente por meio do acampamento Movimento dos Sem Terra - MST ou Movimento Brasileiro dos Sem-Terra - MSTB (77,78%). Tendo 01 (um) assentado adquirido o imóvel (5,56%), enquanto outros 16,67% usaram de outros meios para adentrar no assentamento.

As razões que levaram os assentados a adentrarem no assentamento estão graficamente apresentadas abaixo:

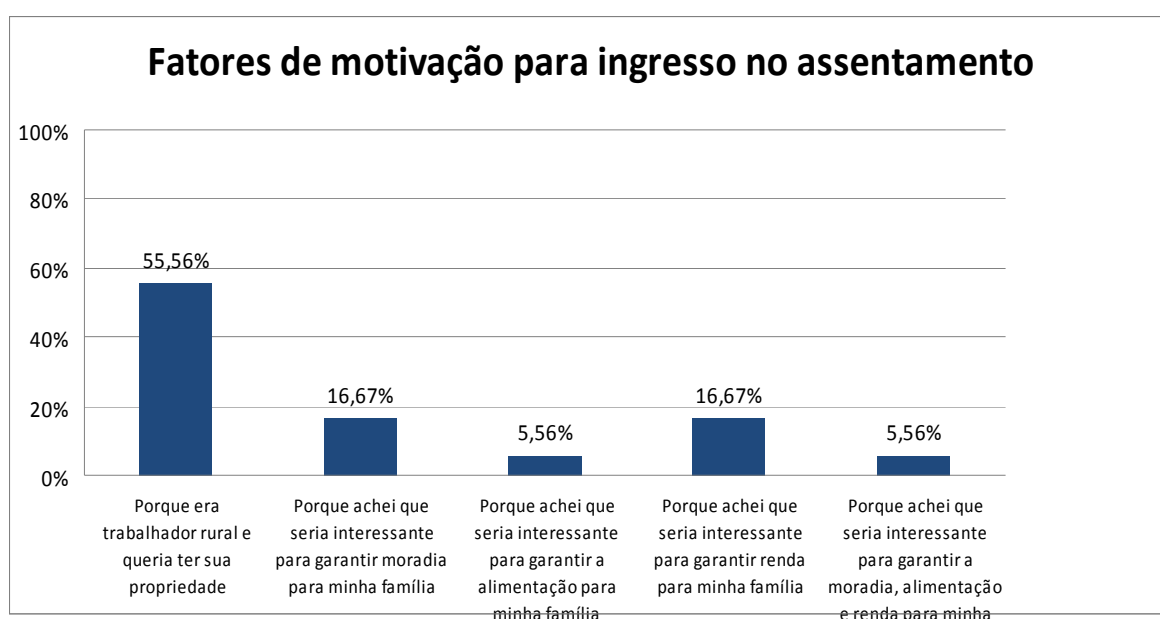


Gráfico 3: Motivo para entrada no assentamento

A razão de já ser trabalhador rural e querer ter uma propriedade foi predominante como motivo para entrar no assentamento (55,56%). Outras razões se apresentaram: moradia para a família (16,57 %), garantia de renda para a família (16,57%), além de garantir a alimentação da família ou garantir alimentação e renda pra a família com 5,56% cada.

Os lotes existentes no assentamento são relativamente pequenos com tamanho médio de 18,72 ha. Isso retrata que para uma sustentabilidade a partir dos recursos da terra, o manejo dela tem que se realizar de forma bem eficiente.

As informações já apresentadas evidenciam que os assentados do Colônia I são pessoas oriundas, principalmente do meio rural, e que almejavam adquirir uma propriedade para obter uma melhor condição de vida.

4.2.2 Natureza da produção

Buscou-se observar qual a natureza da produção realizada, se orgânica ou tradicional.

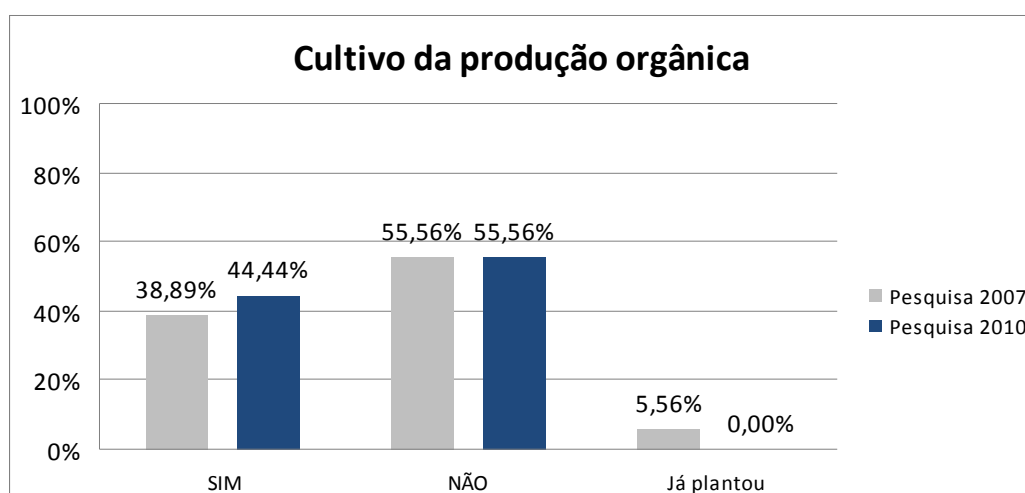


Gráfico 4 - Natureza da produção

Dos 18 entrevistados atualmente oito produzem hortaliças de forma orgânica (44,44%), ocorrendo um acréscimo de um em relação a última pesquisa. Possivelmente, um deles foi quem já plantou no passado e retornou a atividade. Os que plantam orgânicos fazem parte do Grupo Vida e Preservação, grupo constituído com fins de produção, beneficiamento e comercialização dos produtos oriundos desse tipo de exploração.

Quando indagado ao grupo que trabalha com orgânicos, atualmente, sobre qual o principal desafio para continuarem mantendo a horta, obteve-se o seguinte resultado: 55,55% disseram que era o acesso à água, outros 33,39% informaram que era o crédito junto aos

bancos e 11,11 informaram que era a obtenção da certificação em orgânicos. É de se registrar que na pesquisa de M₀ a água aprestava-se de longe como o maior problema, respondendo por 71,43%.

4.2.3 Dimensão Econômica

Realizou-se um levantamento exaustivo de vários segmentos provedores de rendas nos lotes pesquisados, nos anos de 2007 e 2010, considerando tão somente renda monetária, que está consolidado nas tabelas a seguir:

Tabela 1 – Composição da renda anual dos assentados em 2007, por segmento – Em R\$.

Segmento provedor	Pesquisa 2007					
	Receitas		Despesas		Saldo	
	R\$	%	R\$	%	R\$	%
Horta orgânica	2.922,86	18,18%	1.957,14	42,04%	965,71	8,45%
Produtos agrícolas (arroz, feijão, milho, mandioca, frutas diversas, banana, etc.).	2.770,63	17,23%	1.935,63	41,58%	835,00	7,31%
Criação de animais (pescado, gado, ovelha, galinha, porcos, etc.).	1.572,81	9,78%	681,38	14,64%	891,44	7,80%
Outros produtos (lenha, artesanato, costura e renda do grupo Sabor do Cerrado)	278,13	1,73%	81,13	1,74%	197,00	1,72%
Benefícios (Bolsas, aposentadorias, pensões).	3.381,69	21,03%	0,00	0,00%	3.381,69	29,60%
Trabalho fora da propriedade	5.154,24	32,05%	0,00	0,00%	5.154,24	45,11%
Totais	16.080,35	100,00%	4.655,27	100,00%	11.425,08	100,00%

(*) As despesas ocorridas na exploração de hortas orgânicas tiveram maior incidência sobre o item adubo/fertilizante (41,67%). As demais despesas estiveram assim distribuídas: água (16,67%), semente (8,33%), energia (8,33%), transporte (8,33%) e outros (16,67%).

Os dados demonstram que na média, 53,08% das receitas dos produtores são oriundas de fora dos lotes, respondendo por esse percentual o trabalho fora da propriedade (32,05%) e os benefícios (21,03%). A produção das propriedades fica responsável por 46,02%. As hortas respondem por 18,18% das receitas, no entanto percebe-se que para a geração dessas receitas

tem-se uma despesa elevada, ou seja, 66,95% (R\$ 1.957,14) da receita da horta cobrem as despesas efetuadas com esse segmento de produção. Segundo os produtores pesquisados, as maiores despesas com a horta orgânica ocorreram por conta dos adubos e fertilizantes e da dificuldade de acesso à água.

Fazendo uma relação com o salário mínimo (SM³) – Ano 2007, percebe-se que a renda média bruta anual por lote é de cerca de 42,31 SM, contudo, se considerarmos o quantitativo de SM correspondente somente às atividades produtivas da propriedade cairemos para 19,85 SM. Apreciando somente a renda líquida teremos anualmente, por lote, uma renda média equivalente a 30,07 SM, o que daria uma média mensal em torno de 2,50 SM por lote pesquisado.

Em 2010 temos um quadro diferente, a seguir apresentado na tabela 2:

Tabela 2 – Composição da renda anual dos assentados em 2010, por segmento – Em R\$.

Segmento provedor	Pesquisa 2010					
	Receitas		Despesas		Saldo	
	R\$	%	R\$	%	R\$	%
Horta orgânica	12.525,00	43,68%	6.380,00	59,05%	6.145,00	34,39%
Produtos agrícolas (arroz, feijão, milho, mandioca, frutas diversas, banana ...).	1.909,33	6,66%	2.518,53	23,31%	(609,20)	-3,41%
Criação de animais (pescado, gado, ovelha, galinha ...)	637,33	2,22%	905,67	8,38%	(268,33)	-1,50%
Outros produtos (lenha, artesanato, costura e Sabor do Cerrado)	1.680,00	5,86%	1.000,00	9,26%	680,00	3,81%
Benefícios (Bolsas, aposentadorias, pensões).	3.956,92	13,80%	0,00	0,00%	3.956,92	22,14%
Trabalho fora da propriedade	7.965,64	27,78%	0,00	0,00%	7.965,64	44,58%
Totais	28.674,23	100,00%	10.804,20	100,00%	17.870,03	100,00%

(*) As despesas ocorridas na exploração de hortas orgânicas tiveram maior incidência sobre o item adubo/fertilizante (60%). As demais despesas estiveram assim distribuídas: água (20%), energia (10%) e embalagens (10%).

³ Considera-se o salário mínimo do ano 2007 (março a dezembro) como R\$ 380,00 e o do ano de 2010 (janeiro a dezembro) como R\$ 510,00.

Os dados demonstram que na média, 41,58% das receitas dos produtores são oriundas de fora dos lotes, respondendo por esse percentual o trabalho fora da propriedade (27,78%) e os benefícios (13,80%). A produção das propriedades fica responsável por 58,42%. As hortas respondem por 43,68% das receitas, no entanto percebe-se que para a geração dessas receitas tem-se uma despesa elevada, ou seja, 50,93% (R\$ 6.380,00) da receita da horta cobrem as despesas efetuadas com esse segmento de produção. Segundo os produtores pesquisados, as maiores despesas com a horta orgânica ocorreram por conta dos adubos e fertilizantes e da dificuldade de acesso à água.

Fazendo uma relação com o salário mínimo (SM³) – Ano 2010, percebe-se que a renda média bruta anual por lote é de cerca de 56,22 SM, contudo, se considerarmos o quantitativo de SM correspondente somente às atividades produtivas da propriedade cairemos para 32,84 SM. Apreciando somente a renda líquida teremos anualmente, por lote, uma renda média equivalente a 35,04 SM, o que daria uma média mensal em torno de 2,91 SM por lote pesquisado.

É bom ressaltar que levantamos tão somente as rendas monetárias. As rendas não monetárias, até por sua complexidade de levantamento, não foram consideradas no presente estudo. Esse aspecto muitas vezes pode obscurecer os resultados de atividades produtivas. Por exemplo, se entendermos que uma família se nutre da sua produção, sem necessidade de adquirir maioria dos produtos que consome, ela indubitavelmente estará fazendo a sua renda aumentar.

A seguir para melhor apreender a dinâmica entre receitas e despesas, referente aos dois períodos analisados, apresenta-se um gráfico comparativo entre os saldos inerentes a cada atividade geradora de renda:

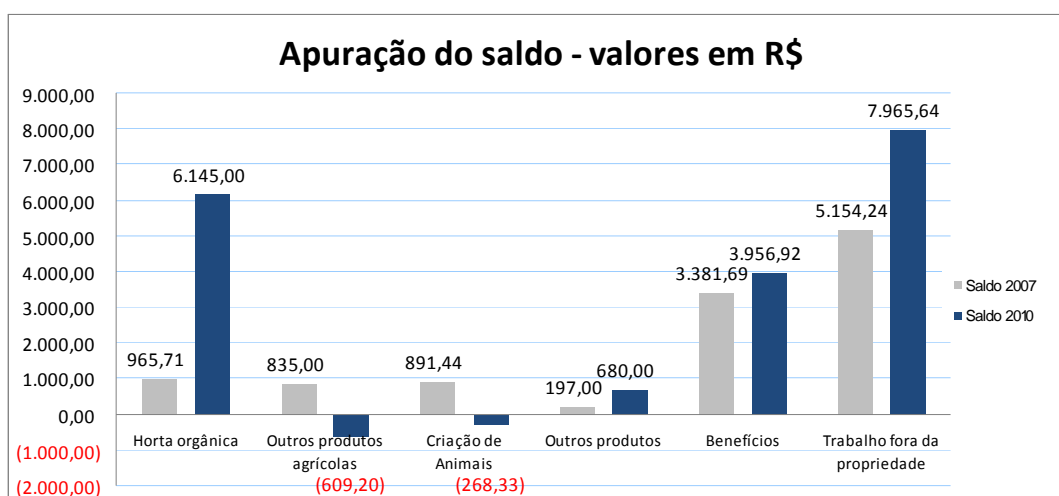


Gráfico 5: Apuração do saldo (Atividades geradoras de receitas)

A análise desses dados revela informações interessantes no campo produtivo do assentamento. No setor de hortifrutigrangeiro orgânico o saldo médio anual por assentado do Grupo Vida e Preservação, teve uma elevação de 636,31%, comparados os dois períodos. Um aumento muito significativo. Também é bom salientar que a renda auferida de outros produtos, engloba principalmente a renda oriunda das atividades do Grupo Sabor do Cerrado e, nesse item específico, houve uma elevação de 345,17%. Registre-se que o projeto da Fundação Banco do Brasil visava basicamente promover melhoria da infra-estrutura do PA Colônia I de forma a otimizar as atividades Produtivas do Grupo Vida e Preservação e Grupo Sabor do Cerrado. É importante também registrar que as atividades de subsistência, aquelas em que as famílias se ocupam simplesmente visando à comida na mesa ou para os animais, em 2010, registraram saldos negativos.

Buscando observar condições econômicas de forma indireta foram levantados diversos itens de utilização doméstica, principalmente eletrodomésticos.

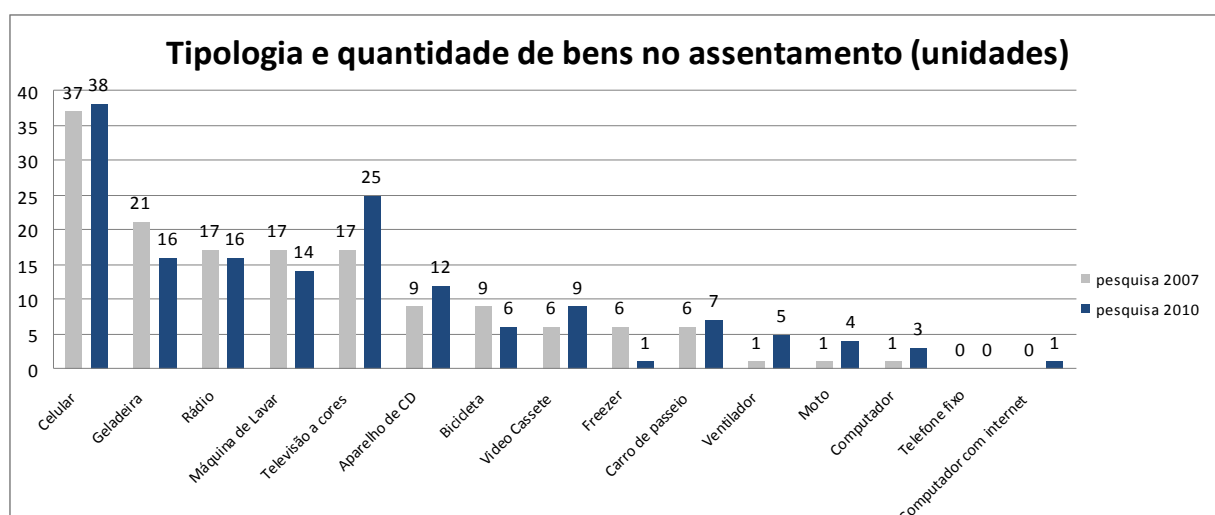


Gráfico 6: Quantidade de bens no assentamento

Percebe-se que o celular já é de uso comum no assentamento, apresentando uma média de 2,16 por lote pesquisado, em 2010. Geladeira, máquinas de lavar (tanquinho) e televisão também são itens comuns, embora se apresentem praticamente numa média unitária por lote. Percebe-se que houve um incremento em relação a uma boa quantidade de itens: celulares, televisores a cores, aparelhos de CD, vídeo cassete, carro de passeio, ventilador, moto, computador sem e com internet. É de se ressaltar que bens de maior valor agregado (carros, motos, computadores) se fizeram incorporar, entre um período e o outro, ao patrimônio dos assentados. No assentamento, constata-se a inexistência de telefone na modalidade fixa.

A média de quartos de dormir nas residências permanece em torno de 2,7, não apresentando alteração em relação a pesquisa de 2008, que tomou como ano base 2007. Esperava-se, inclusive, uma elevação desse item tendo em vista que no ano de 2008 o INCRA estava liberando uma importância de R\$ 5.000 por lote, direcionado a realização de benfeitorias nas residências, ficando a critério de cada assentado a utilização desse recurso. Essa expectativa não se confirmou.

Em relação à infra-estrutura, 89% das casas estão ligadas à rede elétrica; quanto ao abastecimento de água, 89% é oriundo de cisterna e/ou cacimba; 100% dos banheiros são internos e somente um apresenta fossa séptica. Esse quadro manteve-se estável em relação aos dois momentos da pesquisa.

4.2.4 Dimensão Social

A natureza do ensino disponível pode-se verificar a partir dos dados apresentados no gráfico a seguir:

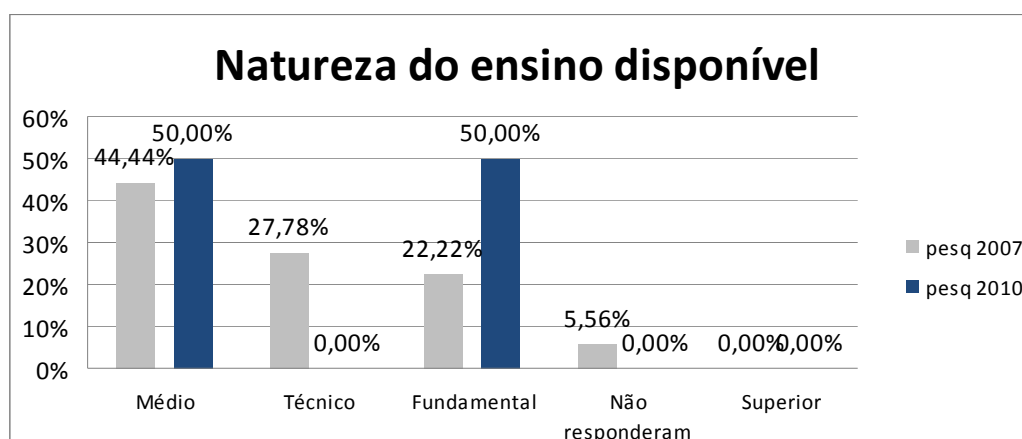


Gráfico 7: Acesso ao ensino

Quando indagado sobre o acesso a instituições de ensino, 94% (2007) e 100% (2010) dos respondentes assinalaram que tinham acesso a instituições de ensino. No levantamento realizado em 2010, constata-se que metade dos pesquisados identificam como uma melhor assistência no nível médio, enquanto a outra metade no nível fundamental. No ano base de 2007, houve cinco assinalamentos dos assentados no nível técnico, provavelmente em razão de dois assentados terem participado de uma formação de técnico agrícola oferecida pela UnB/GTRA próximos ao levantamento dos dados. É importante destacar que já se pode

perceber também a inclusão de alguns indivíduos em outros segmentos do processo de educação: nível médio e técnico.

Em relação ao acesso da comunidade aos serviços de saúde obtiveram-se os seguintes dados:

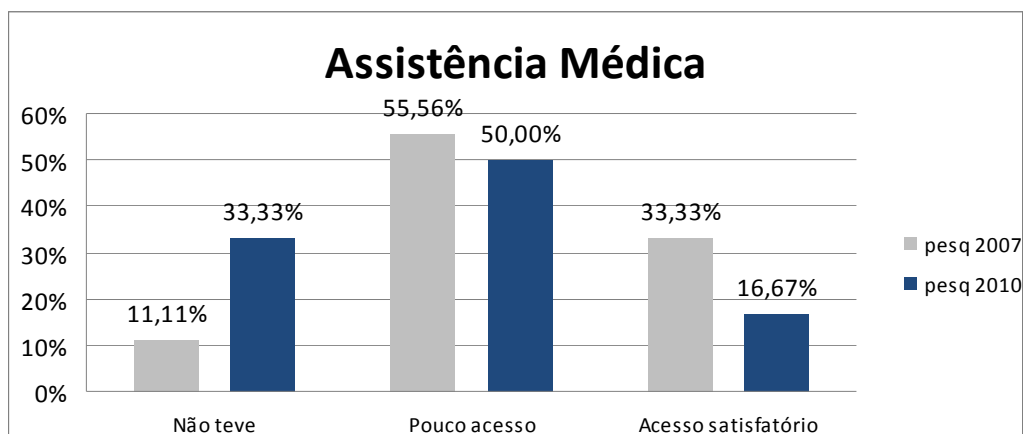


Gráfico 8: Acesso ao serviço médico

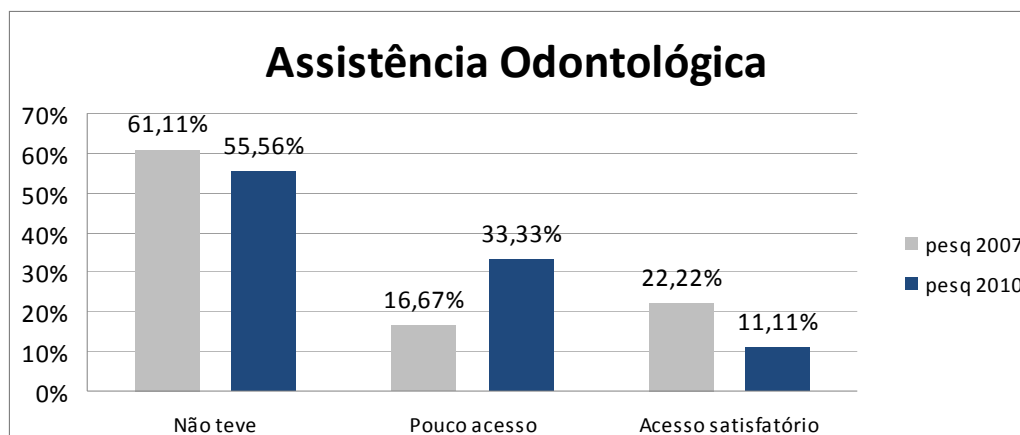


Gráfico 9: Acesso ao serviço odontológico

Em relação à assistência médica de 2007 para 2010 percebe-se que menos pessoas tiveram acesso a um serviço satisfatório, por exemplo, decresceu de 33,33% para 16,67% esse tipo de acesso. Já o pouco acesso teve uma variância pouco significativa, diferença de apenas um assentado nesse quesito. Em relação a assistência odontológico, no geral, o quadro teve poucas oscilações. Apenas um assentado passou da situação de não teve assistência para registrar que teve. Ressalta-se que 61% dos entrevistados não tiveram assistência odontológica em 2007 e 55,56% em 2010. Em 2007, do total de entrevistados, 56% informaram que tiveram “pouco acesso” ao serviço médico e 17% deles pouco acesso ao

serviço odontológico. Em 2010, 50% tiveram pouco acesso ao serviço médico e 33,33% ao serviço odontológico.

A disponibilidade de iniciativas de inclusão social à comunidade do PA Colônia I apresenta-se da seguinte forma:

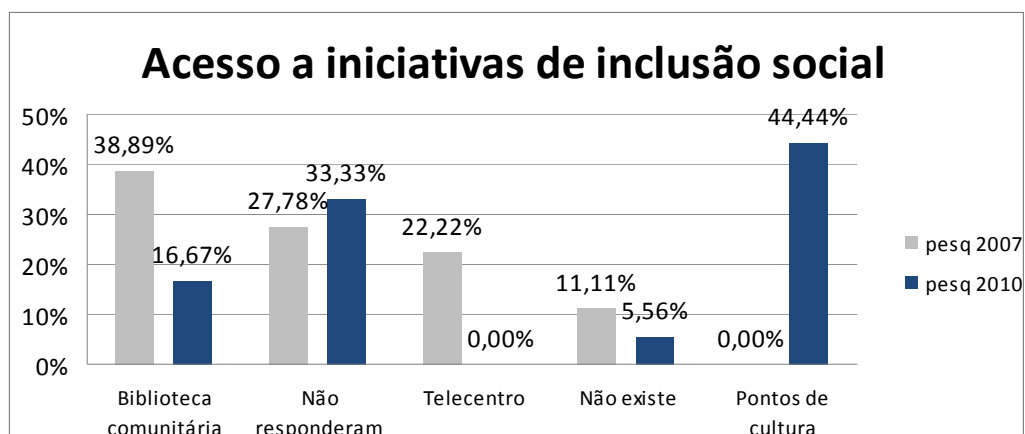


Gráfico 10: Acesso a iniciativas de inclusão social

Em 2007, a percepção de acesso à biblioteca comunitária foi assinalada por 39% dos respondentes, o telecentro foi percebido por 22%. Pontos de cultura e rádio comunitária não foram percebidos. Em 2010, o ponto de cultura que, inclusive internaliza a própria biblioteca, foi percebido de forma mais significativa (44%), mas também a biblioteca comunitária teve um registro de 17%. Nos momentos pesquisados, 2007 e 2010, parte considerável da amostra pesquisada não se manifestou em relação ao acesso a inclusão social, 28% e 33%, respectivamente.

4.2.5 Dimensão ambiental

Quando indagados no questionário sobre utilização de recursos naturais (mata) para produção de carvão obteve-se o seguinte gráfico a partir das respostas.

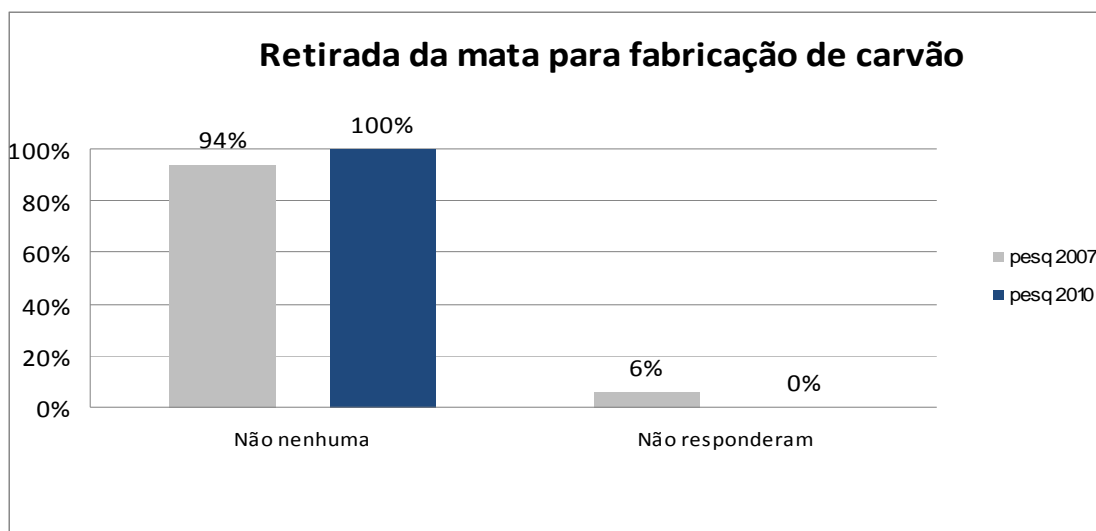


Gráfico 11: Retirada de mata para fabricação de carvão

O comportamento conservacionista da comunidade foi percebido pelo percentual bastante elevado de respostas referente a não utilização de mata virgem para a produção de carvão: 94% em 2007 e 100% em 2010. Em relação à promoção de queimadas, têm-se os seguintes dados:

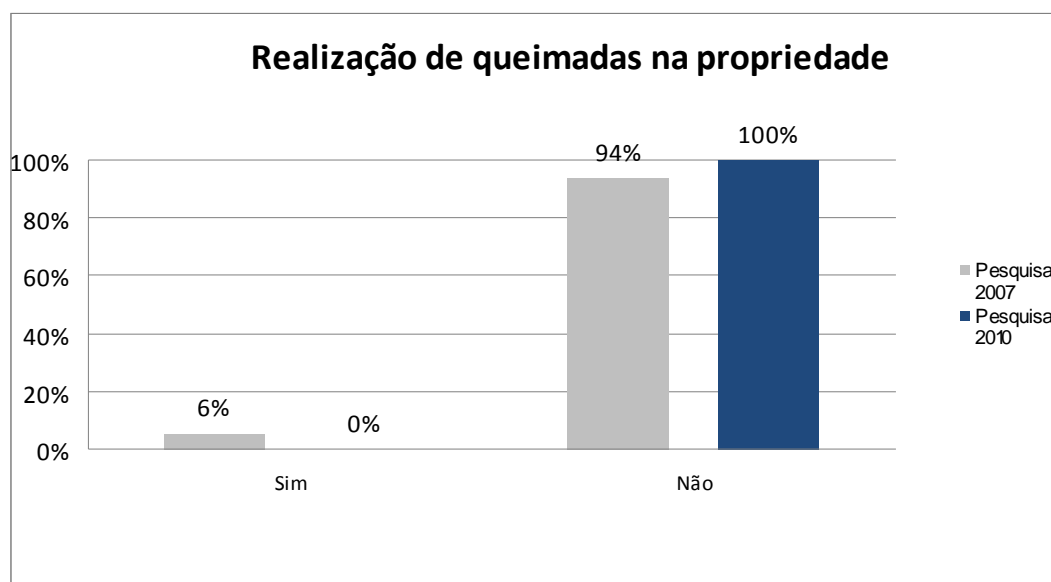


Gráfico 12: Realização de queimadas na propriedade

Em 2010, obteve-se que 100% dos pesquisados não promovem queimadas, um avanço mínimo em relação a 2007, momento em que apenas um assentado informou que promovia queimada. É comum para o universo de produtores orgânicos, a utilização de materiais

oriundos das limpas como matéria-prima para compostagem, refletindo a preocupação com o meio-ambiente presente na cultura agroecológica.

Quanto ao tratamento lixo, o manuseio dele é retratado no gráfico a seguir:

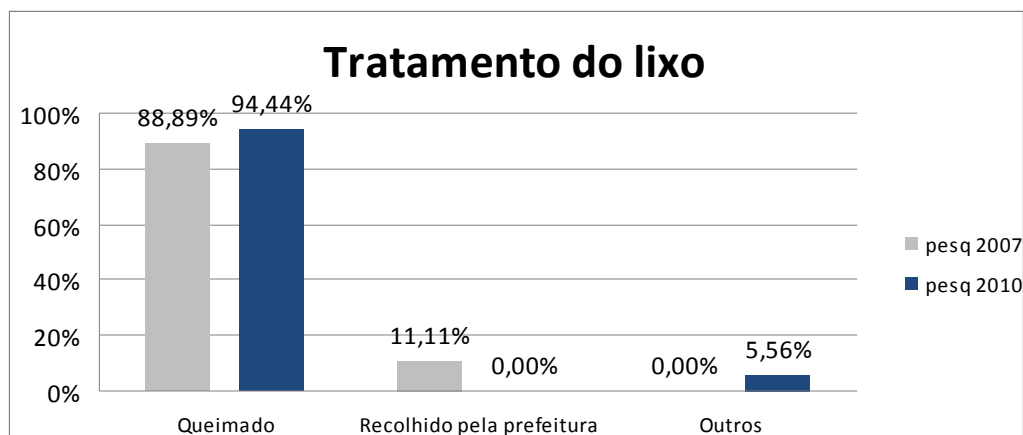


Gráfico 13: Tratamento do lixo nos lotes

Observa-se que 89% (2007) e 94% (2010) dos respondentes adotam prática de queimar o lixo e somente 2 pesquisados informaram que tem seu lixo recolhido pela prefeitura (2007) e 1 assentado (2010) assinalou que dá outra destinação ao seu lixo. A queima do lixo não é entendida como queimada, tendo em vista que é algo localizado no lote. O assentamento não tem coleta de lixo sistematizada. Em 2007, Os pesquisados que alegaram ter seu lixo recolhido, provavelmente, estivessem localizados mais próximos à comunidade urbana, o que permitia um deslocamento desses materiais para a rota de coleta. No entanto, isso já não se verificou em 2010.

4.2.6 Associativismo

Em relação ao associativismo interno detectou-se que na sua totalidade os respondentes pertencem à associação local – Associação dos Produtores do Projeto de Assentamento Colônia I. Em 2007, ocorreram em média 26 reuniões e, em 2010, 11 reuniões. A frequência média foi de 21,5 pessoas por reunião. Percebe-se que foi bem elevado o percentual de participação nesses eventos (89,58%) - considerando o universo de assentados em número de 24 -, o que sinaliza uma forte tendência associativista. No entanto, evidencia-se um menor arrefecimento de ânimos em relação à necessidade de reuniões, tendo em vista que estas decresceram em 15, no comparativo dos dois anos.

Pode ser considerado muito bom o potencial de capital social dos assentados envolvidos com a associação, aqui entendido como a sua capacidade de organização e articulação. Todos participam de associação e têm uma frequência bastante elevada as reuniões.

Esse contexto é referendado pela tabela a seguir, que registra a percepção dos entrevistados quanto à importância de participação em reuniões.

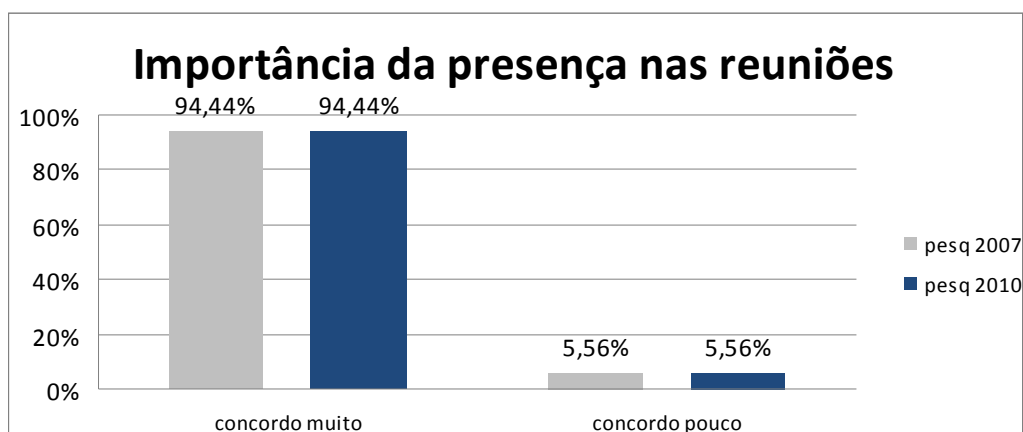


Gráfico 14: Percepção da importância da presença dos associados nas reuniões

Nas duas coletas realizadas, registra-se que quase a totalidade entende como importante a participação em reuniões promovidas pela associação (94%), apenas um indivíduo concorda pouco sobre esse item (6%).

Quando indagados sobre a confiança depositada sobre os que dirigem a associação e conselho fiscal, obteve-se a seguinte manifestação, apresentada no gráficos a seguir:

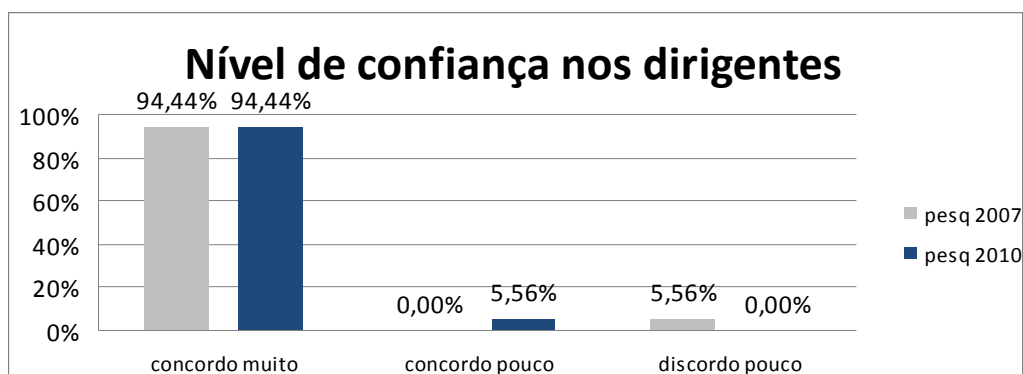


Gráfico 15: Confiança dos assentados nos dirigentes da associação.

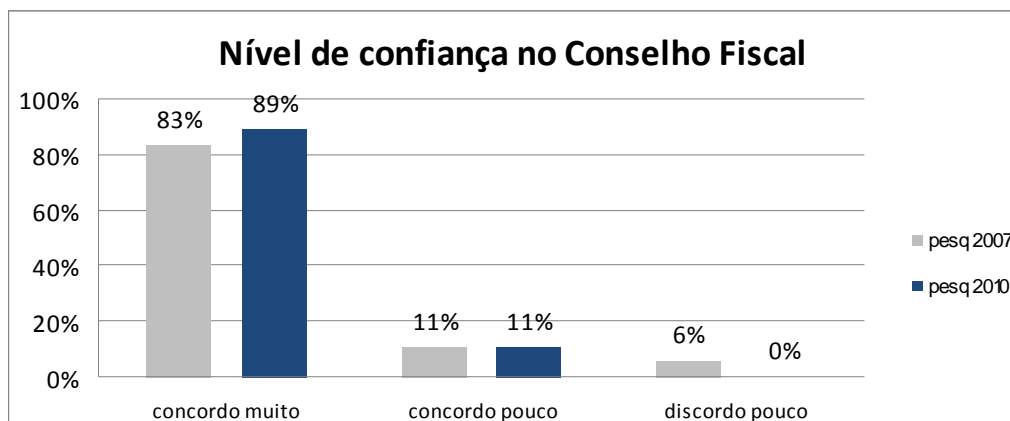


Gráfico 16: Confiança dos assentados no Conselho Fiscal

O índice de confiança nos dirigentes da associação é de 94%. Em relação ao Conselho Fiscal a confiança se revelou com 83% (2007) e 89% (2010). Isso evidencia o grau de confiança que a comunidade deposita nos seus representantes.

A percepção dos entrevistados quanto aos trabalhos realizados pela associação em benefício da comunidade está expressa no gráfico abaixo:

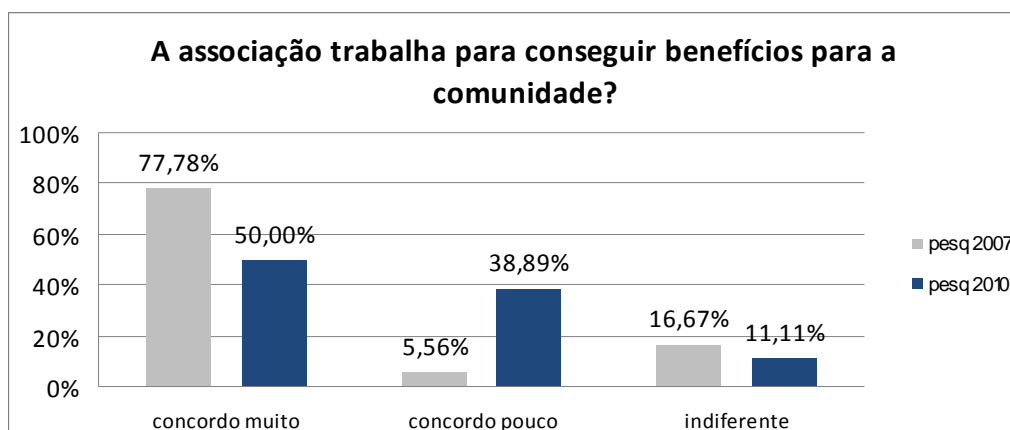


Gráfico 17: Percepção dos produtores da relação entre trabalhos da associação e benefícios para o assentamento

Em 2007 existe uma concordância de 84%, sendo que 78% na intensidade do concordar muito, que a associação tem conseguido trazer benefícios para o assentamento. Em 2010, a concordância aumenta (89%), contudo, 39% registram que concordam pouco. No geral, evidencia-se que nesse aspecto parece diminuir a crença na capacidade da associação de trazer benefícios para o assentamento.

4.2.7 Assistência técnica

Quando perguntados sobre a frequência do técnico na propriedade, obtiveram-se as seguintes respostas:

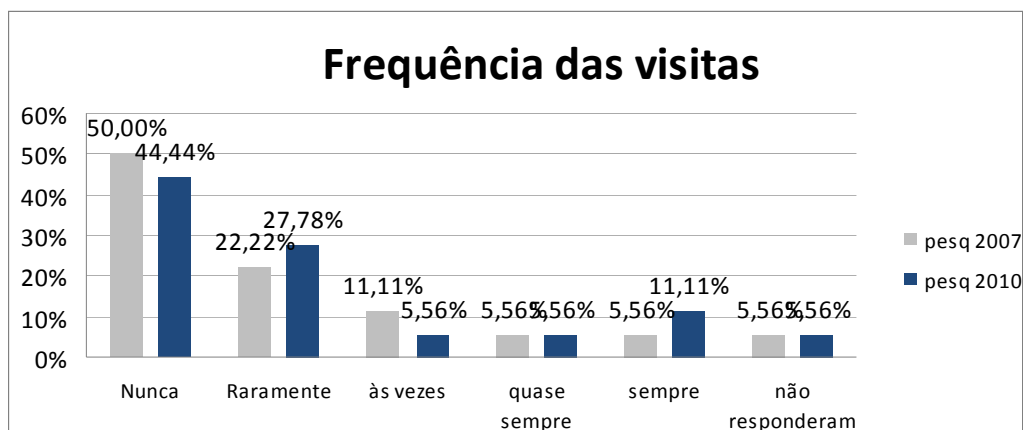


Gráfico 18: Frequência de visitas de técnicos à propriedade

Em relação à prestação de assistência técnica apenas quatro pesquisados informaram que, em 2007 e 2010, receberam visita do técnico, ou seja, 22,23% do total pesquisado (às vezes, quase sempre e sempre). Enquanto isso, Um universo bastante expressivo (72%), em 2007 e 2010, informa que nunca ou raramente os técnicos visitam suas propriedades. Isso revela o quanto se encontra desassistido o assentamento na dimensão da assistência técnica.

4.2.8 Financiamento

Quando indagados sobre a realização de financiamentos rurais no decorrer do ano 2007, obteve-se um percentual de 50% que o utilizaram. Na seqüência buscou-se saber a fonte de financiamento, expresso no gráfico a seguir:

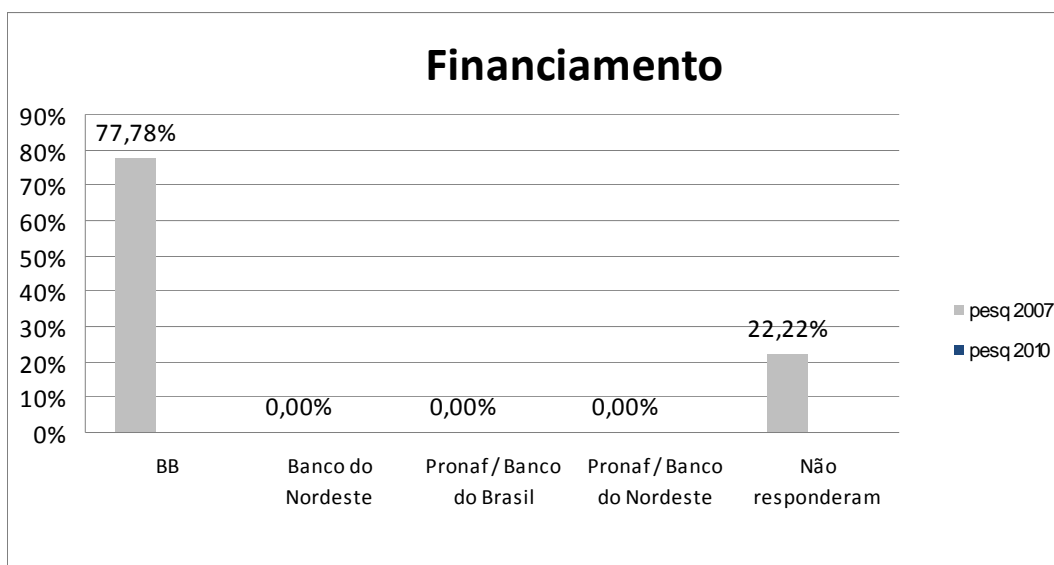


Gráfico 19: Origem do financiamento

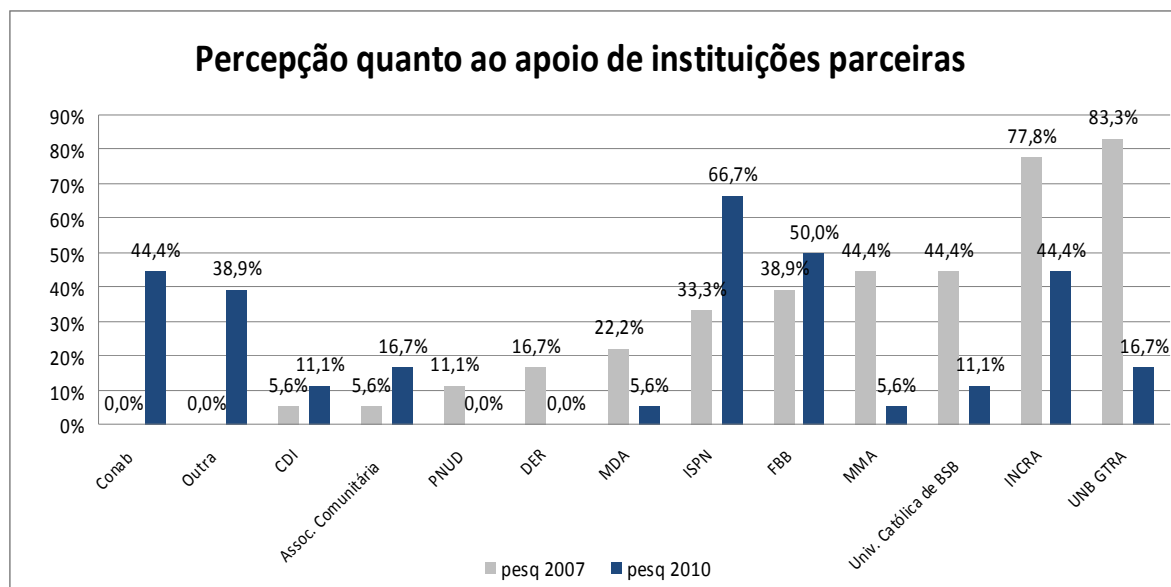
Dos 9 entrevistados que disseram ter utilizado financiamento no ano 2007, sete deles obtiveram o Procefa junto ao Banco do Brasil (78%) e os outros dois (22%) não responderam.

Em relação a dívidas junto a bancos, 14 entrevistados (78%) apresentam dívidas, estando o restante, 4 indivíduos (22%), sem dívidas junto ao sistema financeiro.

No tocante a pesquisa realizada em 2010, todos informam que não fizeram financiamento para desenvolver suas atividades e, portanto, não têm dívidas.

4.2.9 Parcerias

Sobre o conhecimento de instituições parceiras que atuam no assentamento os entrevistados se manifestaram da seguinte forma:



(*) A soma dos quantitativos excedem 18 (respondentes) e 100%, uma vez que cada pesquisado poderia se referir a mais de uma opção.

Gráfico 20: Percepção dos produtores quanto ao apoio das instituições ao assentamento

Em 2007, o registro sobre atuação de parcerias evidenciou uma forte atuação da UnB/GTRA (83,3%), seguido do INCRA (77,8%). Isso está vinculado aos trabalhos de extensão que a UnB promove/promoveu na sede da Associação, inclusive formando dois técnicos agrícolas filhos de assentados. Por sua vez, o INCRA é a instituição que coordena as políticas reforma agrária e, portanto, responsável pelo projeto do assentamento. Outras instituições também foram lembradas: Universidade Católica de Brasília (44,44%), Fundação Banco do Brasil (38,9), ISPN (33,3%), MDA (22,2%), DER (16,7%), PNUD (11,1%), CDI (5,6%), Associação Comunitária (5,6%).

Em 2010, a percepção de apoio se configurou mais fortemente sobre as seguintes instituições: ISPN (66,7%), FBB (50%), Conab e INCRA com 44,4%. Ainda foram lembradas com menor incidência a UnB/GTRA e Associação Comunitária (16,7%), a Universidade Católica de Brasília e CDI (11,1%) e o MDA e MMA com 5,6%. Comparando os resultados relativos aos dois períodos de pesquisa, percebe-se que quanto mais próximo a intervenção/atuação dos parceiros na escala temporal em relação ao momento da pesquisa, o público pesquisado identifica com mais facilidade as instituições envolvidas, colocando em evidência uma maior utilização da memória de curto prazo

5. CONCLUSÕES

Um processo avaliativo busca avaliar os efeitos de programas/projetos sobre suas populações-alvo (indivíduos, grupo, instituições, comunidades). Nesse sentido, procura-se constituir um momento zero (M_0), que é de extrema importância para o levantamento de informações sobre as pessoas que sofrerão a intervenção de algum projeto. No momento seguinte, por meio de técnicas similares e, passado algum tempo da intervenção, levanta-se novas informações por meio de outra pesquisa para aferir a evolução dos indicadores – momento 1 (M_1). O presente trabalho utilizou essa metodologia, buscando averiguar, principalmente, os resultados oriundos do Projeto articulado com a Fundação Banco do Brasil: Fortalecimento da Estrutura Produtiva dos Grupos Vida e Preservação e Sabor do Cerrado do Assentamento Colônia I.

Na dimensão econômica, a infra-estrutura disponibilizada pelo projeto de fortalecimento das atividades produtivas, parece ter promovido uma elevação de renda significativa no segmento em que objetivava atingir: produção orgânica de hortifrutigrangeiros e produtos oriundos do Grupo Sabor do Cerrado. A receita líquida no setor de orgânicos apresentou uma elevação de 636,31%, comparados os dois períodos. Também a renda líquida auferida de outros produtos, que engloba principalmente a renda das atividades do Grupo Sabor do Cerrado, teve uma elevação de 345,17%. Registre-se que o projeto da Fundação Banco do Brasil visava basicamente promover melhoria da infraestrutura do PA Colônia I de forma a otimizar as atividades Produtivas do Grupo Vida e Preservação e Grupo Sabor do Cerrado. Dessa forma, entende-se que o projeto cumpriu seus objetivos.

Essa análise é corroborada por depoimentos dos assentados em relação ao projeto em referência, que dentre outras falas, reproduz-se algumas representativas de integrantes dos referidos grupos:

“A qualidade de vida melhorou bastante, com essa irrigação aí, melhorou bastante, né”. (Participante 06 - 2010)

“Agora para os companheiros foi um achado, uma dávida, porque não é fácil montar um projeto daquele de irrigação não. Nós não tínhamos condições de montar aquilo não. É caríssimo. (Participante 02 – 2010)

“Houve bastante aumento de renda, porque como a gente trabalha, por exemplo, não é todo mês, mas sempre a gente tem uma oportunidade de estar , que nem par a UnB, a gente tira aí um salário mínimo”. (Participante 03 - 2010)

Essa melhoria verificada na dimensão econômica nos leva a inferir, que apesar de historicamente o meio rural apresentar desigualdades mais acentuadas que em ambientes urbanos, não sendo diferente em relação ao assentamento pesquisado - Colônia I, a questão de transformação social passa pela promoção de oportunidades. Ressalte-se que o contexto analisado é fruto de um processo de reforma agrária, impulsionado por mobilizações do movimento de base. Não obstante a isso, quando se tem uma análise apurada, diagnóstica de uma dada realidade, conseguindo-se aportar meios de produção na medida certa das necessidades, o processo de afloramento de geração de renda tende a fluir. Evidencia-se que o assentamento inicia uma conquista de aquisição de estrutura produtiva que permite sua sustentabilidade na linha do tempo.

O assentamento sofre com escassez de água em determinados períodos do ano, isso tem sido apontado de maneira reiterada nas duas pesquisas. Sem água não existe produção. A solução adotada tem sido a perfuração de poços semi-artesianos. Apesar da relutância de alguns, em função de questões ambientais, e, a falta de recursos de outros, a iniciativa tem sido adotada por um pequeno grupo, que associada a disponibilização de sistema de irrigação pela Fundação Banco do Brasil, tem sido fator responsável pelos resultados exitosos na produção de orgânicos. Entende-se que esse é o caminho e que ao se “andar”, induzido por meio de um diagnóstico já realizado, pode-se ter uma probabilidade muito maior de alcançar resultados almejados.

No assentamento os indicadores ambientais evidenciam uma consciência ambiental mais elaborada, com práticas condizentes de cuidado do solo e aderência de um grupo em torno da produção orgânica.

Pode-se considerar satisfatórios os indicadores sociais apresentados pelo assentamento, tendo em vista a precariedade desses nas áreas rurais, contexto que historicamente o nosso país ainda apresenta.

Considerando o viés avaliativo dessa pesquisa, em que a renda é um dos objetivos centrais do projeto, é importante que os produtores tenham condições de estimar os ganhos de renda daí advindos. No entanto, a pesquisa qualitativa já havia evidenciado as dificuldades nesse sentido, pelas seguintes razões: (i) dificuldade do produtor para números em geral; e (ii) dificuldade do produtor para contabilizar em separado (das demais atividades da propriedade) as receitas/despesas de seu lote. Recomenda-se, pois, que por meio de uma cartilha bastante

simples, os produtores sejam estimulados a adotarem efetivamente uma contabilidade mensal de suas unidades e de sua renda familiar como um todo, de modo a lhes permitir acompanhar e a valorizar os benefícios do projeto para a renda familiar. Não obstante a essa dificuldade a pesquisa alcançou os resultados esperados.

Recomenda-se uma política que facilite o acesso à água, com perfuração de poços tubulares, uma vez que ocorrem evidências desse ser o principal problema enfrentado pelo assentamento para viabilizar sua produção. Também, apesar da fase de comercialização dos produtos orgânicos fluir, percebe-se um amadorismo ainda presente, o que não possibilita um projeto de maior expansão atrelado à produção.

Outros aspectos também de relevância, estão vinculados à assistência creditícia e técnica, nessas dimensões foram percebidas negligências por parte dos órgãos competentes, assim ocorrem sinalizações de que a comunidade enseja uma ação mais contundente nesses campos, no sentido de melhor potencializar ações de desenvolvimento sustentável no assentamento.

Por fim, os subsídios advindos desse processo avaliativo apontam para algumas recomendações, a seguir elencadas: (i) provimento de recursos hídricos ao assentamento, possivelmente, criando mecanismos para perfuração de poços tubulares ou alternativa de deslocamento de água de barragem próxima; (ii) constituir parcerias que permitam uma assistência técnica de qualidade aos lotes dos assentados; (iii) manter a reflexão das questões ambientais que já é bastante presente; (iv) agilizar implantação das estufas para fazer frente ao período das chuvas e, por último, (v) criar mecanismos de desenvolvimento do capital humano, buscando mais capacitações e promoção de mais escolaridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR M. J.; ANDER-EGG, E. **Avaliação de serviços e programas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- BARBAI, E. **The practice of social research**. Califórnia: ITP, 1995.
- COHEN, E.; FRANCO R. **Avaliação de projetos sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- DRAIBE, S. M. Avaliação de implementação: esboço de uma metodologia de trabalho em políticas públicas. In: BARREIRA, M. C. R. N; CARVALHO, M. C. B. **Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais**. São Paulo: IEE/PUC-SP, 2001.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Manual de Avaliação: metodologia par avaliação de resultados**. Rio de Janeiro, 2006.
- KAUFMAN, R.; ENGLISH, F.W. **Needs assessment: concept and application**. Englewood Cliffs, Education Technology Pub., 1979.
- MACARENHAS, O. S. L.; OLIVEIRA, C. Z. C.; NÓBREGA, F. J. **Uma avaliação diagnóstica- marco zero: o caso do Assentamento Colônia I**. Brasília: UnB, 2008.
- MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. **Avaliação por triangulação de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- ONU, Grupo do CAC, **Seguimiento y evaluación**. Pautas básicas para el desarrollo rural. Roma. FAO, 1984.
- PATERSON, P. Participação e desenvolvimento agrícola participativo: uma visão estratégica com ênfase na etapa do diagnóstico. In: PATERSEN, P.; ROMANO, J. O. **Abordagens participativas para o desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: AS-PTA/Actionaid-Brasil, 1999.
- ROCHE, C. **Avaliação de impacto dos trabalhos de Ongs: aprendendo a valorizar as mudanças**. São Paulo: Cortez, 2002.
- RODRIGUES, M. C. P. **Ação social das empresas privadas: como avaliar resultados**. A metodologia EP²ASE. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- SYKES, W. Vality and realiability in qualitative research. **Journal of the Market Research Society**. v. 33, n. 1, p. 3-12, 1991.
- TYLER, R.W. General statement on evaluation. **Journal of Educational Research**, 3, 1942.
- WEIS, Z. 4º Congresso GIFE. Curitiba, maio 2006.
- WORTHEN, B. R; SANDERS, J. R.; FITZPATRICK, J. L. **Avaliação de programas: concepções e práticas**. São Paulo: Gente, 2004.

APÊNDICE I - Questionário a ser aplicado aos assentados do Colônia I**0 – Identificação do produtor e sua entrada no projeto**

Bom (dia, tarde ou noite), meu nome é _____, estou realizando algumas entrevistas. Nessa pesquisa, entrevistarei alguns produtores do Assentamento Colônia I. Garantimos o anonimato de cada entrevistado e o sigilo das informações, portanto, a sua entrevista não será divulgada e só utilizaremos as informações coletadas em conjunto com todas as outras entrevistas.

HORÁRIO DE INÍCIO: _____ : _____

Data: ____ / ____ / 2010

Critério de seleção: Censitária

I - Propriedade**1) A propriedade onde o Sr (a) mora é:** [LER AS OPÇÕES]

1. Própria 2. Alugada 3. Cedida (parceiro ou meeiro) 4. Arrendada 5. Assentamento
6. Outro: _____ [Espontâneo] 99 NS 77 NR

2) Qual a sua origem anterior ao assentamento?

1. Ex-agricultor familiar 2. Trabalhador rural 3. Parceiro ou meeiro 4. Bóia-fria
5. Trabalhador urbano 6. Desempregado 99. NS 77. NR

3) Como o Sr(a) entrou para o assentamento Colônia I?

1. Acampamento MST/MBST 2. Lote de parceiro que evadiu-se 3. Compra do imóvel 4. Outro: _____

5) Qual foi o principal motivo para o Sr (a) querer entrar para o assentamento? [LER OPÇÕES]

1. Porque era trabalhador rural e queria ter sua propriedade
2. Porque estava desempregado
3. Porque meus pais viviam no meio rural e quis voltar para a terra.
4. Porque vários amigos e vizinhos estavam entrando
5. Porque achei que seria interessante para garantir moradia para minha família
6. Porque achei que seria interessante para garantir a alimentação para minha família
6. Porque achei que seria interessante para garantir renda para minha família
7. Porque achei que seria interessante para garantir a moradia, alimentação e renda para minha família OU
8. Outro motivo principal [ANOTAR] _____
99. NS
77. NR

6) Atualmente, qual é o tamanho total da sua propriedade? [DEVE SER RESPONDIDO APENAS EM HA] _____ (ha)

- 99 NS 77 NR

7) Sua produção é orgânica?

- 1) Sim (Grupo Vida e Preservação - GVP) 2) Não (PULE para P 23) 3) Já plantou

II – Caracterização da implantação da horta orgânica

Apenas para quem já produz ou produziu orgânicos

8) Quando o Sr(a) começou a trabalhar com orgânicos?[ANOTAR MÊS E ANO]: _____ / _____**9) O Sr. continua no projeto de produção de orgânicos?**

1. Sim 2. Não (PULE para P 23)

III - PARA QUEM PARTICIPA DO GRUPO VIDA E PRESERVAÇÃO**10) Qual foi o principal motivo para o Sr(a) querer entrar para o grupo/projeto?** [LER OPÇÕES]

1. Porque vários amigos e vizinhos estavam entrando no grupo/projeto
2. Porque achou que ele seria interessante para garantir a alimentação para o Sr(a) e sua família
3. Porque achou que ele seria interessante para garantir renda para sua família OU
4. Porque achou que ele seria interessante para garantir a alimentação e renda para o Sr(a) e sua família
5. Outro motivo principal [ANOTAR] _____
99. NS
77. NR

11) Na implantação da sua horta orgânica, o técnico estava presente?

1. Sim 2. Não 99. NS 77.NR

12) Qual foi a despesa aproximada do Sr(a) e da sua família com a produção da “horta orgânica” NESSE ANO (2010)?

R\$ _____ 99 NS 77 NR 88NA

13) Qual foi a principal despesa que o Sr(a) teve com a horta nesse ano? [Espontânea] 13.1) E a segunda principal despesa? [ESPONTÂNEA]

Despesas com a “horta orgânica”	1ª	2ª	Não mencionado	NS/NR
Sementes	1	2	88	99
Adubo / fertilizante	1	2	88	99
Água	1	2	88	99
Energia	1	2	88	99
Embalagens	1	2	88	99
Transporte (carreto, óleo, passagens...)	1	2	88	99
Mangueira	1	2	88	99
Gotejador	1	2	88	99
Registro	1	2	88	99
Outro	1	2	88	99

14) Normalmente, o Sr(a) vende os produtos de sua “horta orgânica”?

1. Sim [PULAR PARA A PERGUNTA P. 16] 2. Não 99. NS 77.NR

15) Por que o Sr(a) não costuma vender os produtos da sua “horta orgânica”?

1. Não tenho interesse em vender
2. Tenho vergonha de vender
3. A produção da “horta orgânica” só dá para o meu consumo e da minha família
4. Não tenho para quem vender (não tem comprador)
5. Outro: _____

99 NS/NR

[SE NÃO VENDEU PULAR PARA P 19]

16) Normalmente, o Sr(a) e sua família vendem os produtos da “horta orgânica”? [LER OPÇÕES]

1. Junto com outros produtores
 2. Sozinho
99. NS/NR
88. NA

17) O Sr(a) vende os produtos da “horta orgânica” [LER OPÇÕES] sempre, quase sempre, raramente ou nunca?

	Sempre	Quase sempre	Às vezes [NÃO CITAR]	Raramente	Nunca	NR/NS	NA
1. De porta em porta	4	3	2	1	0	99	88
2. Na feira própria	4	3	2	1	0	99	88
3. Para a Conab	4	3	2	1	0	99	88
4. Direto para um ponto de venda (restaurante;armazém)	4	3	2	1	0	99	88
5. Para outra pessoa revender (feirante)	4	3	2	1	0	99	88
6. Outro	4	3	2	1	0	99	88

18) Qual foi a receita aproximada do Sr(a) e da sua família com a produção da “horta orgânica” em 2010?

R\$ _____ 99. NS 77. NR 88. NA

19) O Sr(a) costuma trocar os produtos da sua “horta orgânica” por outros produtos?

1. Sim 2. NÃO [SE NÃO, PULE PARA P 21] 99 NS/NR

20) Em geral, por quais produtos o Sr. troca?

1. Por outras frutas ou legumes que não tenha na sua “horta orgânica”
 2. Por leite
 3. Por botijão de gás
 4. Por carne
 5. Por cereais (como arroz, feijão, farinha)
 6. Por outros produtos: _____
99. NS
77. NR
88. NA

21) Em sua opinião, qual é a principal medida que deveria ser tomada para ajudar na venda dos produtos da sua “horta orgânica”?

[LER OPÇÕES]

1. Criar uma associação de produtores
 2. Criar uma cooperativa de produtores
 3. Conseguir uma maior produção na “horta orgânica”
 4. Conseguir mais crédito/financiamento para os produtores de orgânicos
 5. Melhorar o transporte para a venda dos produtos orgânicos
 6. Conseguir uma melhor divulgação e valorização dos produtos orgânicos
 7. Conseguir espaço para realização das feiras de produtos orgânicos
 8. Outro: _____
99. NS
77. NR
88. NA

22) A seu ver, qual é o principal desafio para o Sr(a) e sua família continuarem mantendo a horta orgânica produzindo e vendendo? [ESPONTÂNEA]

1. Acesso à água (cisterna, rio, irrigação)
 2. Chuva
 3. Comercialização
 4. União entre os produtores
 5. Combate às pragas
 6. Crédito junto aos bancos
 7. Arcar com as despesas dos orgânicos
 8. Energia elétrica
 9. Assistência Técnica
99. NS
77. NR

IV – A família

Agora vamos falar um pouco sobre as pessoas que moram em sua casa, incluindo o(a) Sr(a) e as crianças.

23.1) [SOBRE O ENTREVISTADO] 23.1.3 Qual a idade do (a) Sr(a) ? 23.1.5 Até que série o(a) Sr(a) estudou (e completou)? 23.1.6 Nesse ano, qual foi a sua ocupação principal? 23.1.7 Em 2010, o(a) Sr(a) teve renda na sua ocupação principal? 23.1.8 O(a) Sr(a) trabalhou com a “horta orgânica” em 2010 na sua propriedade (tipo de trabalho)? 23.1.9 Em 2010 quantos meses o(a) Sr(a) trabalhou com a “horta orgânica” na sua propriedade? 23.1.10 Quanto tempo por dia o(a) Sr(a) trabalhou com a “horta orgânica” na sua propriedade, o dia todo, metade do dia ou ajuda apenas quando pode? 23.1.11 “Antes da horta orgânica” o Sr(a) trabalhava com horta na propriedade?

23.1.1) Qual o nome de todas as pessoas que moram na sua casa? (INCLUIR O NOME DO ENTREVISTADO E DOS DEMAIS MORADORES DA CASA, SEM SOBRENOME)

23.2) [SOBRE O MORADOR 2] 23.1.3 Qual a idade dele(a) ? 23.1.4 Qual o grau de parentesco dele(a) com o Sr(a)? 23.1.8 Ele(a) trabalhou com a “horta orgânica” na propriedade em 2010 (tipo de trabalho)? 23.1.9 Nesse ano quantos meses ele(a) trabalhou na “horta orgânica” na propriedade? 23.1.10 Quanto tempo por dia ele(a) trabalhou “horta orgânica”, o dia todo, metade do dia ou ajuda apenas quando pode? 23.1.11 “Antes da horta orgânica” ele(a) trabalhava com horta na propriedade? **Continuar para os outros moradores....**

[NÃO SE APLICA PARA QUEM NÃO TEM HORTA ORGÂNICA]

										Envolvimento da família com a “horta” em 2007			
1.1- Nome			1.2 Sexo	1.3 idade	1.4 Grau de Parentesco	1.5 Escolaridade [APENAS PARA O ENTREVISTADO]	1.6 Ocupação Principal [APENAS PARA O ENTREVISTADO]	1.7. Teve renda na ocupação principal? [APENAS PARA O ENTREVISTADO]	1.8.Tipo do trabalho com a “horta orgânica”	1.9 Número de meses de trabalho com a “horta orgânica.	1.10 Tempo de trabalho com a “horta orgânica” (dia)	1.11 Trabalhava com horta antes da “horta orgânica”?	
1			1-M 2-F		X								
2			1-M 2-F			X	X	X					
3			1-M 2-F			X	X	X					
4			1-M 2-F			X	X	X					
5			1-M 2-F			X	X	X					
6			1-M 2-F			X	X	X					
9			1-M 2-F			X	X	X					
Legenda:	1.4 Grau de Parentesco	1.5. Escolaridade	1.6. Ocupação principal			1.7. Teve renda?	1.8. Tipo de trabalho na unidade			1.10. Tempo dedicado ao trabalho na Unidade	1.1. Trabalhava com horta antes da “horta orgânica”?		
NS – Não sabe	1. Esposa(o)	0. Nunca estudou/1ª série incompleta	1. Produtor rural na própria propriedade			1. Sim	1. Todo			1. O dia todo		1. Sim	
NR- Não respondeu	2. Filho(a)	1. Primeira série completa	2. Empregado com carteira			2. Não	2. Plantação			2. Metade do dia ou		2. Não	
NA – Não se aplica	3. Pai/mãe	2. Segunda série completa	3. Empregado temporário			99 NS	3. Limpeza			3. Ajuda apenas quando pode		99. NS	
	4. Irmão(ã)	3. Terceira série completa	4. Autônomo/Conta própria			77 NR 88 Desempregado	4. Compostagem			4. Não trabalha com a “horta orgânica”		77. NR	
	5. Enteado(a)	4. Quarta série completa	5. Empregador/Empresário				5. Venda			99 NS			
	7. Cunhado(a)	6. Sexta série completa	7. Estudante/Aprendiz				6. Colheita						
	8. Avô(ó)	7. Sétima série completa	8. Aposentado				7. Processamento						
	9.Tio(a)	8. Oitava série completa	9. Funcionário em órgão público				0. Não trabalha na unidade de orgânicos						
	10. Primo(a)	9. Primeiro ano do 2º completo	10. Dona de casa				99 NS						
	11. Neto(a)	10. Segundo ano do 2º grau completo	11. Outro				77 NR						
	12. Sogra(o)	11. Terceiro ano do 2º completo	99 NS										
	13. Genro/Nora	12. Faculdade incompleto	77 NR										
	14. Agregado	13. Faculdade completa	88 NA										
	99 NS	77 NR	99 NS	77 NR									

V – Estimativa da renda familiar**Informações sobre outros produtos da propriedade fora da “horta orgânica”**

24) Em 2010, o(a) Sr(a) plantou/colheu que produtos em sua propriedade? [ESPONTÂNEA] 24.1) O Sr(a) ou alguém da sua família vendeu [CITAR O PRODUTO MENCIONADO] nesse ano?

Produtos	24. Plantou /Colheu	Vendeu	NA	NS	NR	Produtos	24. Plantou /Colheu	24.1 Vendeu	NA	NS	NR
1. Arroz	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	15. Abóbora	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
2. Feijão	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	18.Araticum	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
3. Milho	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	19. Gabiroba	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
4. Mandioca	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	20. Pequi	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
5. Alface	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	21. Jatobá	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
6. Pimentão	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	22. Baru	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
7. Quiabo	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	23.Cajuzinho-do-Cerrado	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
8. Alho	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	24. Pitanga	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
9. Melancia	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	25. Cajá-manga	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
10. Rúcula	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	26.Tamarindo	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
11. Tomate	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	27. Cagaita	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
12. Pepino	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	28 Mangaba	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
14. Banana	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	29. Graviola	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
15. Maracujá	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	30. Jenipapo	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77
16. Amendoim	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77	31. _____	1. Sim 2.Não	1. Sim 2.Não	88	99	77

25) [SE PLANTOU ALGUM PRODUTO] Em 2010, quanto o(a) Sr(a) e a sua família gastaram com produtos agrícolas no total?

R\$ _____ 99. NS 77. NR 88. NA

26) [SE VENDEU ALGUM PRODUTO] Em 2010, quanto o(a) Sr(a) e a sua família receberam com a venda desses produtos agrícolas? [NÃO FAZER A PRODUTORES ORGÂNICOS

R\$ _____ 99. NS 77. NR 88. NA

VI - Informações sobre outras fontes de renda fora da propriedade

Vamos falar sobre a renda que a família recebeu fora da propriedade.

35) Em 2010, o(a) Sr(a) ou alguém da sua família, QUE MORA NA SUA CASA, recebeu algum tipo de renda complementar do governo como: [LER AS OPÇÕES] [SE SIM] De qual programa recebeu?

36) Quantas pessoas de sua família, QUE MORAM NA CASA do Sr(a), receberam do(a) [CITAR OS PROGRAMAS QUE A FAMÍLIA RECEBEU]?

37) Qual foi o valor total do benefício que a família recebeu nesse ano?

35. Fonte de renda	Sim	Não	NS	NR	36. Quantidade de beneficiários			37. Valor total do benefício em 2010 (R\$)	NS	NR	NA
					NS	NR	NA				
1. Bolsa Família	1	2	77	99				R\$	77	99	88
					99	77	88				
2. Aposentadoria (pensão)	1	2	77	99				R\$	77	99	88
					99	77	88				
3. Outro _____	1	2	77	99				R\$	77	99	88
					99	77	88				
37. TOTAL											

38) Nesse ano (2010), o(a) Sr(a) ou alguém da sua família, que mora na sua casa, realizou algum outro trabalho fora da propriedade? 1. Sim 2. Não [PULE para P41] 99. NS 77. NR
[SE SIM] Quem trabalhou - o(a) Sr(a), sua esposa(o), seu filho, sua mãe, etc. ? [ESPONTÂNEA E MULTIPLA]

39) Qual era a condição de trabalho? Legenda – Condição do trabalho:

1. Empregado com carteira 2. Empregado temporário sem carteira 3. Autônomo/Conta própria 4. Empregador/Empresário
5. Funcionário em órgão público 6. Outro 99. NS 77 NR 88. NA

40) Quanto [CITAR CADA MORADOR] recebeu de renda em 2010?

38. Grau de parentesco	Sim	Não	NS	NR	39. Condição do trabalho	40. Rendimento no ano de 2010 (R\$)
1. Próprio	1	2	99	77		R\$
2. Esposa(o)	1	2	99	77		R\$
3. Filho(a)	1	2	99	77		R\$
4. Irmão(ã)	1	2	99	77		R\$
5. Enteado(a)	1	2	99	77		R\$
6. Sobrinho(a)	1	2	99	77		R\$
7. Cunhado(a)	1	2	99	77		R\$
8. Avô(ó)	1	2	99	77		R\$
9. Tio(a)	1	2	99	77		R\$
10. Primo(a)	1	2	99	77		R\$
11. Neto(a)	1	2	99	77		R\$
12. Sogra(o)	1	2	99	77		R\$
13. Genro/Nora	1	2	99	77		R\$
TOTAL						R\$

VII- Alternativa para estimar renda familiar

41) Gostaria que o(a) Sr(a) me dissesse quantos rádios / aparelhos de CD tem na sua casa? E quantos

	Quantidade				
	Nenhum	Um	Dois	Três ou mais	NR
1. Rádio	0	1	2	3	77
Aparelho de CD	0	1	2	3	77
2. Máquina de lavar	0	1	2	3	77
3. Vídeo cassete/DVD	0	1	2	3	77
4. Geladeira	0	1	2	3	77
Freezer	0	1	2	3	77
5. Telefone fixo	0	1	2	3	77
6. Telefone Celular	0	1	2	3	77
7. Televisão a cores	0	1	2	3	77
8. Ventilador	0	1	2	3	77
9. Bicicleta	0	1	2	3	77
10. Moto	0	1	2	3	77
11. Carro de passeio	0	1	2	3	77
12. Computador sem acesso à Internet	0	1	2	3	77
13. Computador com acesso à Internet	0	1	2	3	77

42) O Sr(a) possui conta bancária? 1. Sim 2. Não 99 NS 77 NR

VIII - Moradia

Agora vamos falar um pouco sobre os hábitos do(a) Sr(a) e da sua família e sobre a sua moradia.

43) Quantos quartos de dormir tem na casa do(a) Sr(a)?

Número de quartos: _____ 99 NS 77 NR

44) A sua casa está ligada à rede de energia elétrica?

1. Sim 2. Não 99 NS 77 NR

45) A origem da água utilizada na sua casa é: [LER AS OPÇÕES]

	Sim	Não	NS	NR
1. Água de poço (cisterna/cacimba) na propriedade	1	2	99	77
2. Água de poço profundo na propriedade	1	2	99	77
3. Água de chafariz ou poço profundo na comunidade	1	2	99	77
4. Caminhão pipa da prefeitura	1	2	99	77
5. Água encanada na propriedade	1	2	99	77
6. Outro	1	2	99	77

46) O banheiro utilizado pelo(a) Sr(a) e a sua família é: [LER AS OPÇÕES]

	Sim	Não	NS	NR
1. Banheiro do lado de fora da casa com fossa	1	2	99	77
2. Banheiro do lado de fora da casa com fossa séptica (ou tratada)	1	2	99	77
3. Banheiro dentro de casa com fossa	1	2	99	77
4. Banheiro dentro de casa com fossa séptica (ou tratada)	1	2	99	77
5. Banheiro dentro de casa com esgoto	1	2	99	77
6. Outro	1	2	99	77

47) O lixo da casa do(a) Sr(a) é: [LER AS OPÇÕES]

	Sim	Não	NS	NR
1. Queimado ou enterrado	1	2	99	77
2. Jogado em um terreno abandonado	1	2	99	77
3. Jogado em rio próximo a sua casa	1	2	99	77
4. Jogado em uma caçamba comunitária	1	2	99	77
5. Recolhido pela prefeitura	1	2	99	77
6. Outro	1	2	99	77

IX – Inserção Social

48) Em 2010, o Sr. teve acesso a serviço médico?

1. Não tive 2. Pouco acesso 3. Acesso satisfatório

49) Em 2010, o Sr. teve acesso a serviço odontológico?

1. Não tive 2. Pouco acesso 3. Acesso satisfatório

50) Em 2010, o Sr. teve acesso a algumas dessas iniciativas de inclusão social?

1. Pontos de Cultura 2. Estação Digital/Telecentro 3. Biblioteca Comunitária
4. Rádio Comunitária 5. Não existe nenhuma iniciativa 99 NS 77 NR

53) Sua comunidade tem acesso a instituições de ensino?

1. Sim 2. Não 99. NS 77. NR

54) De que natureza é o ensino disponível?

1. Fundamental 2. Médio 3. Superior 4. Técnico

X – Capital Social

55. O Sr(a) participa de [LER OPÇÕES] ? [SE SIM] Com qual frequência o Sr(a) participa das reuniões da [CITAR ASSOCIAÇÃO MENCIONADA] sempre, quase sempre, raramente ou nunca; às vezes [NÃO CITAR] ?

ORGANIZAÇÕES	Sim	Não	Frequência da participação		NS	NR
1. Associação de produtores	1.	2.	5. Sempre 4. Quase sempre 3. Às vezes	2. Raramente 1. Nunca 99. NR/NS	99	77
2. Sindicato de trabalhadores rurais	1.	2.	5. Sempre 4. Quase sempre 3. Às vezes	2. Raramente 1. Nunca 99. NR/NS	99	77
3. Partido político	1.	2.	5. Sempre 4. Quase sempre 3. Às vezes	2. Raramente 1. Nunca 99. NR/NS	99	77
4. Associação religiosa	1.	2.	5. Sempre 4. Quase sempre 3. Às vezes	2. Raramente 1. Nunca 99. NR/NS	99	77
5. Grupo Vida e Preservação	1.	2.	5. Sempre 4. Quase sempre 3. Às vezes	2. Raramente 1. Nunca 99. NR/NS	99	77
6. Seu cônjuge participa de alguma associação?	1.	2.	5. Sempre 4. Quase sempre 3. Às vezes	2. Raramente 1. Nunca 99. NR/NS	99	77
7. Participa de outras associações/cooperativas de produtores rurais? [SE SIM] Quais? [ANOTAR] _____	1.	2.	5. Sempre 4. Quase sempre 3. Às vezes	2. Raramente 1. Nunca 99. NR/NS	99	77

56) O Sr. é associado da Associação dos Produtores do Projeto de Assentamento Colônia I?

1. Sim 2. Não PULE para P 63

57) Em que ano o(a) Sr(a) se tornou sócio da associação/cooperativa [ÚLTIMA COLUNA DO QUADRO PÁG. 1]?

Ano _____ 99. NS 77. NR 88. NA

58) O(a) Sr(a) já participou da direção da associação/cooperativa?

1. Sim 2. Não, nunca 99. NS 77. NR 88. NA

59) O(a) Sr(a) poderia me dizer quantas reuniões foram realizadas no ano de 2010 pela sua associação/cooperativa?

Número de reuniões _____ 99 NS 77 NR 88 NA

60) Dessas reuniões, quantas o(a) Sr(a) esteve presente?

Número de reuniões _____ 99. NS 77. NR 88. NA

61) Depois da associação o(a) Sr(a) acha que, atualmente, os produtores da comunidade estão mais unidos ou desunidos? Muito ou pouco? Ou nada mudou em termos de união?

1. Estão muito mais unidos
2. Estão um pouco mais unidos
3. Estão um pouco mais desunidos OU
4. Estão muito mais desunidos
5. Estão iguais, não mudou nada [NÃO LER] 99. NS 77. NR

62) Agora vou ler algumas frases sobre a associação/cooperativa que algumas pessoas concordam e outras discordam e gostaria de saber a opinião do(a) Sr(a). [AFIRMAÇÃO] O(a) Sr(a) concorda ou discorda? Muito ou pouco? [A opção 3 é espontânea]

	Concorda Muito	Concorda Pouco	Discord a pouco	Discorda Muito	Nem concorda nem discorda	NS/ NR	NA
1. Os dirigentes da associação (cooperativa) são pessoas confiáveis	1	2	4	5	3	99	88
2. É importante comparecer às reuniões marcadas pela associação/cooperativa.	1	2	4	5	3	99	88
3. Os membros do Conselho Fiscal da associação/cooperativa são pessoas confiáveis	1	2	4	5	3	99	88
4. Os dirigentes da associação/cooperativa olham apenas os seus próprios interesses e do grupo de associados relacionados a eles.	1	2	4	5	3	99	88
5. A associação/cooperativa trabalha para conseguir benefícios para a comunidade nas áreas de luz, água, estrada, telefone, escola e saúde.	1	2	4	5	3	99	88
6. Todos os membros da associação/cooperativa são muito participantes e procuram colaborar sempre com a associação/ cooperativa.	1	2	4	5	3	99	88

XI - Assistência Técnica

63) Em 2010, o Sr(a) recebeu visita do técnico em sua propriedade?

1. Sim 2. Não [SE NÃO, PULE PARA A P 66] 99. NS 77. NR

64) [SE SIM] Quantas vezes o técnico costumava visitar a sua propriedade? Sempre, quase sempre, raramente ou nunca?

1. Raramente 0. Nunca 2. Às vezes [NÃO LER] 4. Sempre 3. Quase sempre
99. NS 77. NR 88. NA

65) Sr(a) acha que a visita do técnico [LER OPÇÕES] para o Sr(a) e sua família desenvolverem a produção?

1. Não é importante 3. É muito importante 2. É pouco importante 99. NS 77. NR 88. NA

66) Em 2010 o(a) Sr(a) fez algum curso para ajudar no cultivo em sua propriedade (Quantidade)?

1. De 1 a 2 cursos 2. De 2 a 4 cursos 3. De 4 a 7 cursos 4. Acima de 7 cursos 5. Não fez cursos
99. NS 77. NR

67) Qual foi o principal problema enfrentado pelo Sr(a) na produção da "horta orgânica"? [Espontânea]: E o segundo? E o terceiro? [SOMENTE PARA QUEM PRODUZ ORGÂNICOS]

Itens	Primeiro	Segundo	Terceiro	Não mencionado	NS/NR
Fatores ambientais	1	2	3	4	99
Ataque de pássaros	1	2	3	4	99
Ataque de pragas	1	2	3	4	99
Excesso de chuva	1	2	3	4	99
Falta de chuva	1	2	3	4	99
Falta de fonte de água	1	2	3	4	99
Transporte da água (da fonte para a "horta orgânica")	1	2	3	4	99
Fatores da tecnologia					
Adubo	1	2	3	4	99
Entupimento das fitas de gotejamento	1	2	3	4	99
Falta de proteção contra o sol	1	2	3	4	99
Ressecamento das fitas de gotejamento	1	2	3	4	99
Tamanho insuficiente da mangueira	1	2	3	4	99
Assistência técnica no campo	1	2	3	4	99
Cursos de capacitação	1	2	3	4	99
Fatores contextuais					
Falta de união dos produtores	1	2	3	4	99
Crédito	1	2	3	4	99
Outro	1	2	3	4	99

XII - Crédito e Inadimplência**68) O Sr. fez financiamento para desenvolver suas atividades na propriedade?**

1. Sim 2. Não [PULE para P.71] 99.NS 77.NR 88. NA

69) De onde veio o financiamento?

Instituições	Sim	Não	NS	NR	NA
1. Banco do Brasil	1	2	99	77	88
2. Banco do Nordeste	1	2	99	77	88
3. Pronaf/Banco do Brasil	1	2	99	77	88
4. Pronaf/Banco do Nordeste	1	7	99	77	88
5. Outro			99	77	88

70) O Sr. tem dívidas com as agências bancárias?

1.Sim 2. Não 99.NS 77.NR 88.NA

XIII- Consciência Ambiental**71) O Sr(a) plantou árvores frutíferas em sua propriedade esse ano (2010)?**

1. Sim 2. Não 99 NS 77 NR

72) Nesse ano (2010) houve algum tipo de praga ou doença nas plantações da sua propriedade?

1. Sim 2. Não [SE NÃO PULE PARA P 74] 9. NS/NR

73) Na sua propriedade como um todo, com que frequência o Sr(a) utilizou [LER OPÇÕES] em 2010) no combate à praga - sempre, quase sempre, raramente ou nunca?

	Sempre	Quase Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	NS/ NR
1. Inseticida/veneno (querosene, e outros)	4	3	2	1	0	99
2. Misturas naturais e técnicas alternativas	4	3	2	1	0	99
3. Outro	4	3	2	1	0	99
4. Outros	4	3	2	1	0	99

74) Em 2010, o Sr(a) retirou mata para fabricação de carvão?

1. Sim, muito 2. Sim, pouca 3. Não, nenhuma 99 NS 77 NR

75) Em 2010, o Sr(a) realizou algum tipo de queimada em sua propriedade?

1. Sim 2. Não 99 NS 77 NR

XIV – Conhecimento sobre as instituições parceiras do projeto**76) O Sr(a) saberia dizer quais foram as instituições parceiras que apoiaram o assentamento Colônia I até o momento? [ESPONTÂNEA E MÚLTIPLA]**

1. Sebrae
2. Prefeitura
3. Fundação Banco do Brasil
4. Banco do Brasil
5. Ministério da Integração
6. Petrobrás
7. UNB GTRA
8. ISPN
9. INCRA
10. Conab
11. Ministério do Desenvolvimento Agrário -MDA
12. CDI
13. Ministério do Meio Ambiente - MMA
14. Slow Food
15. DER
16. PNUD
17. Alguma associação comunitária
18. Algum Sindicato
19. Igreja
20. Universidade Católica de Brasília
21. Outra
99. NS
77. NR

FINAL: _____ : _____

É Assegurado o anonimato de cada entrevistado e o sigilo das informações, portanto, a sua entrevista não será divulgada e só utilizaremos as informações coletadas em conjunto com todas as outras entrevistas. Apesar disso, nós pedimos o seu endereço (de casa ou da propriedade), um telefone de contato (casa, trabalho ou celular) para que um responsável pela pesquisa possa conferir se o (a) Sr(a) realmente foi entrevistado(a) e, sobretudo, para que daqui a uns 2 ou 3 anos possamos ouvi-lo novamente sobre o projeto . O (A) Sr(a) poderia me dizer o seu nome, endereço e telefone de contato?

Nome do(a) Sr(a)? _____

Endereço: _____

O(a) Sr(a) possui algum telefone para contato: _____

1. Casa 2. Trabalho 3. Vizinho ou parente 4. Associação/ Cooperativa 5. Outro _____
Tel: _____ Nome do contato _____

Entrevistador: nº _____

APÊNDICE II

Grupo Focal: Transcrição 1

Assentamento Colônia 01 – Padre Bernardo

Transcrição de grupo focal – 07.09.2010 - Tempo: 53 minutos e 56 segundos.

Mediador: Fernando da Nóbrega Junior

Participantes: participante 01; participante 02 e participante 06.

Dados:

Grupo Vida e Preservação: 8 famílias

Grupo Sabor do Cerrado: 14 a 15 mulheres.

Fernando – Estamos retornando ao Assentamento Colônia I para realização de um grupo focal onde temos a participação de três integrantes aqui do assentamento, que ora vão se apresentar:

Participante 06 -. Meu nome é Osmar, sou assentado, moro na Chácara 06 do Assentamento Colônia I.

Participante 01 - Meu nome é João Batista de Algemeiro e sou filho de assentado, moro na Chácara 10, de propriedade do meu pai.

Participante 02 - Sou Teobaldo Rocha sou assentado no Projeto de Assentamento Colônia I, na Chácara 11. Sou beneficiário desse projeto da Fundação Banco do Brasil.

Fernando - Muito bem. Perguntaria a vocês, tendo em vista que tivemos fazendo um trabalho junto ao assentamento em 2008 e, nessa oportunidade observou-se a existência de dois grupos: Grupo Vida e Preservação, que trabalhava mais com orgânicos e o Grupo Sabor no Cerrado, de mulheres, que trabalha com diversos produtos na área de culinária. Dessa forma, eu queria saber como é que de 2008 para cá se desenvolveram esses grupos e como eles se encontram nesse momento atual.

Participante 01 - É de 2008 para cá. Nós fizemos várias, passamos por vários processos, dá para tirar uma avaliação de experiências porque quando nós começamos trabalhava com a área coletiva, 2002 até 2006, nós trabalhou na área coletiva. Então nós tivemos uma experiência aonde o grupo cresceu muito em posições ideológicas, construções que a gente tinha alguma coisa traçada, agente trabalhava com o grupo Vida e Preservação, agente trabalhava em 01 ha e procurou construir o galpão coletivo, comprou uma Kombi coletiva e demos vários focos para o grupo e quando a gente sentiu a necessidade de ir para a propriedade. Isso foi várias parcerias a Universidade, quando surgiu a Fundação Banco do Brasil que, dentro de questionário, dentro de avaliação, nós conjuntamente pedimos tecnologias que fossem viáveis para o desenvolvimento da agricultura familiar, envolvendo também a família. Foi quando veio uma parte da irrigação e uma parte das estufas. A irrigação atualmente deu um foco grande para produção, bastante produção apesar de alguns fatores, que tem que tá, tem que tá verificando o que não deu certo. Agora tem que ser não só eu falando, mas o grupo todo fazendo essa avaliação, precisa, bem aberta, para que possa crescer mais e concertar os pontos aonde está o erro. E o grupo Sabor do Cerrado, elas estão passando

pelo processo que o grupo Vida e Preservação começou, o coletivo, tudo elas faz na cozinha industrial coletiva, elas estão conseguindo até estão mais agrupadas, tão conseguindo fazer vários eventos, até junto com a Central do Cerrado e prestando serviço para a Universidade de Brasília, aonde o grupo de Preservação começou e fechou o ano. Financeiramente, fechou o ano e atendendo a todo o grupo. Elas tão mais, tão melhor. E o grupo Preservação e Vida, nós estamos assim, cada família tão produzindo na sua a propriedade ... é na sua propriedade e comercializa, comercializa praticamente junto. Cada um trabalha num ponto, cada família gerencia um ponto e agente está amarrando isso aí.

Participante 02 - O sistema produtivo, eu acho que esse projeto da Fundação Banco do Brasil veio trazer uma afirmação muito positiva, no caso eu não estou desenvolvendo ainda, eu estou com vários problemas, com problema de saúde e outro de água, estou sem água até para o uso doméstico, está complicado. Estou sem dinheiro para afundar a cisterna, já fiz cinco cisternas, agora esta já está emalhadada, mas eu tenho que afundar ela e eu não estou tendo dinheiro para afundar e comprar mais manilha por as que tem já colocou tudo para dentro e a água está pouca. Então o projeto meu está parado. Está parado por causa de água e também da minha saúde ta prejudicada, mas na semana que vem eu vou dar início a montagem da estufa, que está pronta só falta montar, afundar a cisterna e começar o processo da produção. Acredito que até outubro estou começando a produzir. Vamos ver. Meu filho trabalha um dia sim, um dia não. No dia que ele vai trabalhar eu fico, no dia que ele estiver ele me ajuda. Somos em dois, meu genro também. Tá meio difícil. Agora para os companheiros foi um achado, uma dívida, porque não é fácil montar um projeto daquele de irrigação não. Nós não teríamos condições de montar aquilo não. É caríssimo. Agente montou um sistema mangueira, de mangueira “satema” e era muito falho. E esse sistema que a gente montou aí, é um sistema que molha bem, aproveita 100% do que joga e distribui direitinho e normal, não era como o “satema” que tinha que está em cima, qualquer erro você perde uma molhada. Esse não, instalou lá, ele molha perfeitamente. Sistema muito bom, que só tem afirmação, somente positiva.

Fernando – Osmar, você foi um dos contemplados. Como é que está sendo sistema de irrigação para você?

Participante 06 - Não, para mim esse sistema de irrigação está sendo bom, né? A dificuldade mais desse sistema de irrigação é para quem tem pouca água, mas os que tem água, né, tão produzindo. A dificuldade da água para quem não tem é mais complicado.

Fernando - E as estufas, tem havido uma agregação de valor na produção?

Participante 06 - Não. Até agora não estamos plantando na estufa, mas elas estão em andamento. Por causa das águas, mas quando começar as águas elas estão prontas. Eu acho que a do Átila já está pronta.

Participante 01 - A nossa também. A do Osmar, estão todas em andamento. Porque, assim, a estufa é na época chuvosa, né, e agente tem que fazer esse planejamento, tem que concluir em trinta dias, porque teve até um orçamento lá que tinha um dinheiro para fazer, mas as coisas ficaram muito cara e diminuiu no projeto, a madeira foi mais cara, aí teve só a mão de obra de soldagem e o resto quem está fazendo somos nós mesmos, né. São poucas pessoas que estão fazendo muitas coisas. Tem que plantar, tem que cultivar, vender. Até seu Teobaldo tem colocado essa questão aí, a gente fazer alguns mutirões para não perder a essência do grupo, né. E alguns mutirões, um está visitando o outro, incentivando o outro. Acho que vamos ter

que rever algumas coisas para nunca perder a sua essência e o grupo tem que sentar, tem que conversar. Até o Fernando, agente tem dúvidas, agente tem uma história, tem gente, falta só algumas coisinhas (**Participante 02** – Detalhes) e a gente ver que as políticas estão muito oportunas, as políticas públicas tai: merenda escolar, tem o PAA e, assim, eu acho que a gente pode ser referência. A gente tem muita coisa boa aí. Eu acho que é só dar uma ajeitada e cada um ver a sua parte também e acho que é uma análise de cada um.

Fernando - Hoje com esse projeto, nós tivemos sete que se beneficiaram diretamente, mas sei que o grupo preservação é um pouco maior que isso. Quantos integrantes o grupo em hoje, no grupo atualmente?

Participante 01 - É assim. Diretamente a gente começou com 12 famílias, aí algumas famílias viram o processo, a gente tem que está comercializando, produzindo, tem as madrugadas, ficou de um lado, com participação em outras partes, que é, são as reuniões – nessa parte. Mas o grupo ele atende de forma indiretamente, nessa forma indiretamente. É vou dar o exemplo da contratação pela universidade (UnB) o produto está saindo daqui, para a produção lá, né. E o Sabor do Cerrado são 14 mulheres que não está se falando só de sete famílias, já está se abrangendo outras famílias que o grupo Vida e Preservação deu suporte para isso estar atendendo a essas outras famílias. Então a gente ver bastante válido, abrindo portas para que outras famílias que perdeu o processo, não entrou no processo, possa encontrar um caminho ou encontrar formas ou até animar para depois, então, assim, eu acho que ao todo a gente está atendendo uma quarenta pessoas de forma diretamente e indiretamente. Quer dizer, tudo torna-se como diretamente que elas estão trabalhando, prestando serviço nos eventos.

Fernando - Mas, hoje, trabalhando com hortaliças no assentamento vocês identificam quantas pessoas?

Participante 01 - Com hortaliças? Quer responder? (Dirigiu-se a Osmar e Seu Teobaldo)

Participante 02 - 10 pessoas. Tem o Zé Vitorino, o Átila, Nivaldo, Rui, Teobaldo - estou parado, mas vou iniciar -, João Batista, Argemiro, Osmar. É o cabeção, que está, tanto é que nesse momento todo mundo está produzindo. Mas a idéia programada é que todos produzam. Mas tem três que moram em lotes dos pais, mas tem a família dele independente. O Zé Vitorino tem a cunhada e o filho trabalhando na propriedade. Se for contar são sete mesmo, se for contar por propriedade, são sete propriedades envolvidas, mas tem dez pessoas trabalhando. Porque produz aqui, mas quando o resultado das vendas o Zé Vitorino tira a parte dele, a parte do filho e a parte da cunhada. Assim a mesma coisa nós todos. O Zé Vitorino tem a parte dele de um lado e a outra da família.

Fernando – Fazendo um balanço, assim, dessa trajetória que o próprio grupo iniciou um pouco maior e alguns na caminhada, ao avistarem alguns obstáculos, foram desanimando e desistindo desse processo. Mas em termos de produção, como é que vocês avaliam a produção do passado e a produção do presente? É mais vigorosa, mais volumosa?

Participante 06 – Hoje ela está sendo mais volumosa. Agente está saindo daqui duas vezes por semana. A Kombi está saindo cheia.

Participante 01 - Todas as duas vezes cheia e, assim, porque não estão todas as famílias produzindo. E se todas as famílias estivessem produzindo a gente ia sair mais vezes, né.

Participante 02 - Mais vezes, e talvez a gente já tivesse trocado de carro. Porque a Kombi não comporta. Para dois pontos. A UnB, na terça-feira, e a 505 Norte. E se fosse para três pontos a Kombi não levava. Isso é uma afirmação positiva. A gente sempre usou ela e ia com três vendedores, às vezes quatro, e agora só vai aqueles dois e apertado. (Osmar - E do jeito que está indo não vai caber não.). Não vai não. Quer dizer, é um planejamento que já tem que fazer. Com a chuva a produção vai diminuir um pouco, porque a gente só vai trabalhar com as estufas. Fora das estufas só aquilo que você produz mesmo sem problemas. A maioria das hortaliças, tomate, alface, brócolis, você vai ter que produzir dentro da estufa. Vai cair um pouco, mas acredito que vai ser suficiente para atender os pontos. Aí vai ter que manter, mas quando cair a época da seca, que nós chamamos aqui, aí nós temos que pensar. Ou vai três, quatro vezes, ou pensar em comprar outra condução, outro meio de transporte para levar.

Fernando - Vocês falaram três pontos.

Participante 02 - Na terça: UnB e 05 Norte. Na quinta: Incra e Ministério do Meio Ambiente.

Fernando - São quatro pontos, em dias diferentes.

Participante 01 - E o Átila faz algumas entregas também. Faz entrega na quinta feira também. Na quarta-feira no Lago.

Participante 02 - É uma saída também.

Fernando - Na terça, vocês precisam fazer duas viagens?

Participante 02 - Não. É uma viagem, mas a gente vai para dois locais diferentes.

Fernando - Ok.

Participante 02 - Mas, se tivesse que fazer três pontos o carro não comportaria.

Participante 01 - E tem mais pontos para abrir, tá faltando mesmo ...

Participante 02- Planejamento da produção. Não adianta abrir um ponto hoje e amanhã não ter água e o camarada não produzir.

Participante 06 - A gente está indo duas vezes. Na quinta a gente está indo para o Incra e o Ministério. Vai na terça e na quinta.

Participante 02 - Mas o a gente teria que ter alternativas. Ir mais vezes. Vai na terça, na quarta talvez, na quinta ou na sexta ou no sábado.

Participante 01 - E agora tem a merenda escolar, que o projeto já está inscrito. Nós temos que ... escrevemos só numa inscrição e agora vamos abrir outro projeto que é nove mil/ano. E o município mesmo nos procurou por a gente estar com uma forma, uma forma um pouco mais organizada e a gente já inscreveu o projeto, já, vai dar uma média de 200 Kg de cenoura por grupo, por grupo, 200 Kg cenoura, 100 Kg beterraba, 100 maços de couve, 200 alfaces. O grupo, colocamos por grupo, aí as famílias que tiver nesse primeiro momento. Aí cada um

tem até nove mil e aí o grupo administra. É o que estou falando, está faltando no mercado, tá o próprio município. Aí a gente vai entregar para as escolas aqui perto e o restante vai para Padre Bernardo. Então o ano que vem a gente quer entrar nisso aí a fundo.

Fernando - Na fala de vocês a questão da água tem sido colocada como limitante, fator limitador da produção.

Participante 02 - Ainda, infelizmente.

Fernando - Estamos numa estiagem prolongada, talvez uma das maiores dos tempos. Um fator limitante, mas que vocês conseguiram resolver em parte esse problema. Como é que vocês trabalharam essa questão da água?

Participante 01 - Então a gente passamos com um projeto desde o ano de 2000. É ... Nosso problema sempre foi água né. Fizemos mais ou menos uns oitenta encontros/reuniões com a UnB, fizemos captação, melhoramos cisternas, e a Fundação também trouxe melhorias e nunca tinha resolvido porque nós estamos num mercado escasso, porque é produção. E quando a gente fala em poço artesiano ninguém banca. Aí a associação tomou algumas iniciativas, nossa, particular. Seu Rui tinha um financiamento para receber do Inca, que não tinha recebido, aí abriu um poço. Aí eu e Osmar que estava mais perto, abrimos outro poço, semi, vou colocar semi. É o que está resolvendo, melhorou a produção. A gente tem 30 dias. Trinta dias, né Osmar?

Participante 06 - Tem mais, uns 40 dias.

Participante 01 - Nós fizemos coletivo esse poço lá para nós dois. Joga, num local mais alto, para o reservatório e manda por gravidade. Nós gastamos só energia. Dois reservatórios no ponto mais alto. Isso deu uma condição, uma estrutura na nossa propriedade, que a gente está vendo uma coisa, estamos pagando, caro. A própria produção é que permite.

Fernando - Qual foi o investimento?

Participante 01 - 18 mil. Como fomos nós dois, demos R\$ 2.400,00 de entrada, aí cada um dá R\$ 500,00 por mês, mais a bomba, dá R\$ 800,00 para cada um por mês.

Fernando - Qual a profundidade do poço?

Participante 01 - Foi a partir de 80 metros, 90. 80 metros, né Osmar? 80-90 metros. Aí foi descendo. Mais depende do local. Às vezes o cara abre ali um poço com 50 metros e já obtém uma boa vazão de água. Beneziano que, é o nosso vizinho, deu com 40-50 metros, outros com 60, 75 metros. Assim, a partir de 50 metros tem acontecido aqui na região.

Participante 06 - E a produção minha e do João, que é a que estamos colhendo agora praticamente ainda é de cisterna. O poço ainda não trouxe o resultado não, trouxe assim o que a gente vai plantar.

Participante 01 - Tá mantendo. Se nós não tivéssemos feito, tomado essa decisão talvez a gente já estivesse desistido. Tinha praticamente dado uma parada.

Participante 06 - Eu estava precisando de 7.000 a 8.000 litros de água por dia. Eu tinha que ficar lá tirando água direto, na boca ela chegava e parava, né. Tava tendo um racionamento de água.

Participante 02 - Há necessidade acima de 10 mil litros.

Fernando - Por dia? Para vocês manterem a horta dentro dessa produção vocês estão gastando cerca de 10 mil litros/dia?

Participante 01 - 25 mil litros

Fernando - Os dois (João Batista e Osmar)?

Participante 01 - Não. 25 cada um.

Fernando - É uma quantidade de água considerável.

Participante 01 - Porque alface, ele sob esse clima assim necessita muito. Agora a gente sabe que a energia é cara. E, mas tem o gotejador, o morango dá para ficar no gotejador, parte dele só molha no pé e, também, essa microaspersão que a gente comprou agora, que veio pela Fundação ela gasta pouca água, não é Osmar?

Participante 06 - Gasta pouco água.

Participante 01 - E, mas 25 mil com hortaliça não é muita água, com hortaliça não é. Tem gente aí que gasta 200 mil, desperdiça, joga fora. Nós estamos com uma economia muito grande. Muito pouca ainda. E a gente tem a consciência, usa a compostagem, usa a microaspersão, usa o gotejador. Ainda tem essa consciência ainda.

Fernando - E o seu Teobaldo lá, ele está tentando ver se consegue resolver, mas ainda com cisterna ou está pensando em poço também?

Participante 02 - Eu estou pensando em poço também, porque a cisterna vai continuar com esse problema, hoje, amanhã, daqui a dois anos, daqui a dez anos. Deixe eu contar a história daqui da Colônia. Quando eu abri aqui a primeira cisterna ela tinha 5 metros. E nós usava, todo mundo aqui usava, o pessoal de fora usava e não tinha problema nenhum. E hoje a gente já vai com dez e não tem água. Se você for ver a relação em 14 anos já dobrou. Naquela época estava com cinco, hoje já vai com dez e não tem água, já é pouquinho água. Uma cisterna com cinco metros de profundidade ela tinha 3 metros de água. Hoje a mesma cisterna com dez metros só tem 1 metro de água.

Fernando - Isso na época da seca?

Participante 02 - Nessa época da seca. É uma relação perigosa que está havendo aí, todo mundo está vendo, como problema do desmatamento. Ele vai continuar passando para frente. Porque agora, este ano, este ano foi uma coisa séria, ele começou a baixar no mês de junho. Um absurdo, porque além de ter chovido pouco, o desmatamento a água bate e desce, e vai embora e não fica nada no subsolo. Não desce nada, não fica nada para dentro, porque ela bate e vai embora. A gente fez uma, até com recursos mesmo (próprio), um baixião, melhorou mais, porque se não tivesse feito aquele baixião, estava pior ainda, porque fica muita água

presa ali e ela entra na terra. Mas o nosso problema maior aqui é com o próprio Incra. O Incra não cumpriu a parte, nós estamos a três anos esperando uma liberação ambiental para que a gente possa captar recursos para dobrar essa estrutura que a Fundação Banco do Brasil deu. Se o Incra tivesse feito essa liberação ambiental, a gente poderia usar o crédito do banco, que nós temos. Seis mil, podendo chegar até 9 mil reais. E a gente fica amarrado, sem a liberação ambiental. Se chega no banco e ele não aceita. Sem liberação ambiental o banco não pode soltar dinheiro. Quer dizer, nós estamos dentro de um projeto de sustentabilidade e não tem uma lei que nos garanta nada. Nós somos tratado a nível de quem destrói. Veja como são as coisas. Se nós já tivéssemos a liberação ambiental, se o Incra já tivesse feito, nós usávamos esse recursos, aí já estaria num outro patamar. Aí eu não estava reclamando aqui, porque estou parado, não é só por causa da saúde, mas é por causa de água também. Se eu tivesse as condições, eu punha alguém para fazer o serviço. Eu não ia parar, entendeu? Porque tinha condições de ter uma pessoa me ajudando ali nas coisas que eu não podia fazer. Uns tem a boa vontade de fazer e faz, mas quem tem a responsabilidade de fazer não faz. Isso eu já falei, não estou falando aqui não, falei aqui, falei no Incra Nacional, na superintendência. Eu não tenho nada para esconder de ninguém. Se fizer direito eu elogio quem faz, como eu elogiei o chefe lá da Fundação Banco do Brasil lá na Central do Cerrado. Nós estávamos na reunião lá. A coragem dele, porque tem que ter coragem para fazer o que ele fez, que vocês fizeram. Dinheiro aqui quando vem, ele vem de uma tal forma, que quando chega para o investimento produtivo é praticamente zero. Ele falou para mim, eu topei investir na produção de vocês, mas encontrei muita dificuldade. Tem que passar por um processo de capacitação, que é dinheiro jogado fora. Você tem que ver a realidade de cada um, entendeu? Cada um assentamento é uma realidade. Nós já estamos num nível que não precisamos de tanto treinamento, tanta oficina e tantas coisas. É recurso que pode ser investido na produção. Eu disse isso para ele lá. Como é o nome dele, eu esqueci?

Fernando - Jacques.

Participante 02 - Jacques. Ele falou: realmente a gente encontra muita dificuldade. Tem que passar por esse processo todinho. Teve a coragem. Eu digo a você e a Cláudia que se não fosse o trabalho que vocês fizeram, foi importante, isso é o que dando para ver essa afirmação aqui positiva. Foi por causa do trabalho de vocês. Porque se não tinha ficado igual ao trabalhando consórcio que vem, que vem despedaçando, quando chega lá no sistema produtivo, na estrutura de produção, não tem nada, não chega nada. Aí fica, eu fiz e você não recebeu. E as coisas continuam do mesmo jeito. Nós estamos num ponto que se o governo for para o Incra ou uma parte dele e fizer o que tem que fazer que é a obrigação dele, a liberação ambiental e todos os mecanismos que precisam para o assentamento, isso aqui vira outro patamar, bem diferenciado. Porque aí a gente pode usar recurso, não vamos ficar dependendo de dinheiro de fundo perdido. Temos que arcar também com a responsabilidade. Porque quando você recebe, só recebe, fica viciado. É preciso que você assuma uma responsabilidade, para criar uma coisa, isso aqui eu recebi, mas isso aqui tem meu suor. Você dá mais valor porque você está com a vida ali e cria uma responsabilidade com o processo produtivo.

Fernando - Deixe eu só voltar uma questão. Uma estimativa, porque depois nós vamos usar os questionários e nós vamos ter uma aferição melhor, dos custos e das vendas que estão envolvidas. Teobaldo com esse problema de saúde e água, talvez não tenha muita condição de responder isso. Nesses últimos meses, vocês dois que estão produzindo e comercializando, qual a receita líquida, o lucro, tirando todas as despesas que vocês estão tendo, para a

manutenção das hortas, vocês conseguem perceber que ficam com um lucro de aproximadamente quanto, mensalmente? Não precisa ser uma coisa muito precisa, não.

Participante 01 - Bom. Agora com o morango, deu uma diferença, porque tem a safra do morango, mas é na média de R\$ 500,00 por família, por venda. R\$ 500,00 – R\$ 600,00, né. Isso está variando. Aí a gente tira as despesas com o transporte, que vai duas famílias, rateia isso aí, a alimentação e o investimento na horta. É em média quatro feiras que a gente faz, mas a gente manda também para os outros pontos e aí dá mais uns cem reais, quinhentos com mais cem dá seiscentos, dois mil e quatrocentos por mês. A gente aí, deve tirar aí, uns mil e duzentos de despesa com energia e tudo. E aí sobra essa faixa de R\$ 1.200,00.

Fernando - Por família?

Participante 01 - Por família. Não é Osmar?

Participante 06 - Agora gente está pagando o poço, né. Agente tem que tirar oitocentos para pagar o poço.

Participante 01 - Oitocentos para cada um.

Participante 02 - Então vocês devem tirar líquido cerca de quinhentos reais, não é?

Participante 01 - Não. Eu coloquei seiscentos bruto por semana. Aí fica trezentos por semana líquido ou 1.200,00 por mês.

Fernando - Mas como vocês estão pagando R\$ 800,00 cada, por mês, em função do investimento no poço, sobram uns quatrocentos. Eu sei que as pessoas mais apropriadas para falar sobre o grupo Sabor do Cerrado é a atual coordenadora, né. Mas na ausência dela como é que vocês estão vendo o trabalho desse grupo aí, nesses dois anos, 2008 para cá?

Participante 02 - O grupo Sabor do Cerrado, a gente percebe uma evolução bem grande, bem maior que o Vida e Preservação. A Central do Cerrado tem dado um apoio muito bom, a Fundação e a UnB também, tem ajudado e o grupo tem melhorado bem. Talvez tem crescido mais, talvez não. O que está faltando para se firmar mesmo é uma política de divulgação para que elas tenham mais serviço, quando elas estiverem aqui. Agora nesse momento elas tem um projeto, parece que elas vão até o final do ano, em a garantia desse ano. É aquilo que as empresas tem, como é que chama? Fugiu da memória. código de barra. SIF e código de barra. Acontece que hoje para fazer um SIF, gasta dois mil reais.

Fernando - Atualmente o grupo está servindo alimentação em alguns eventos, mas elas estão produzindo algumas coisas em embalagens? Doces, geléias?

Participante 01 - Como Teobaldo colocou essa potencialidade, eu também tenho essa visão que depende da capacitação e da coordenação que elas próprias tem. E elas estão andando. E o grande avanço foi esse apoio que a Central do Cerrado deu, seu Teobaldo já colocou, e a Universidade de Brasília que fechou com elas um evento assim; café da manhã, lanche, almoço, lanche a tarde e janta. Então, você está dando estrutura para elas. Vai ser uma pena que acaba isso. Acaba o convênio lá com os alunos. Uma hora acaba e de que elas vão viver, né? Agora é onde eu vejo elas começarem a trabalhar um biscoitinho aí, sei lá, com um recheado de castanha de baru, sei lá. Uma coisa credenciado, com seu próprio selo, para a

gente identificar isso. Aí a gente coloca no mercado, numa padaria, a partir de uma agricultura familiar. Elas estão faltando isso, esse detalhezinho. Elas têm um maquinário aí, que aqui para nós, já beira uns trinta mil. A gente tem uma segurança aqui, tem uma família que está morando aqui. Esses dias roubaram até o som da igreja, né. É uma coisa que a gente fica muito preocupado. Não tem reforço nas portas, só tem o alarme. Essa família aqui ajudou muito. Apesar de ter que organizar algumas coisas. Mas a gente ver que tem uma saída, tem que organizar a coisa interna, mas elas têm um maquinário dado pela Fundação e já tinha pelo PTT e a Fundação mandou despolpadeira. Tem um maquinário aí que tá embalado ainda, que já é para outra instância. Está ali num depósito. Tem uma coisa aí que parece um transformador, sabe. Então assim, só falta para dar esse salto tentar.

Participante 02 - O negócio é tentar e fazer esse trabalho de divulgação. O mercado não vai absorver um produto que não tem uma identificação. Uma coisa que tem que ter é o código de barra e o SIF. Nós vamos pegar aqui no Goiás um produto que tem que colocar em Brasília. O mercado pode até pegar, mas a fiscalização não deixa passar porque a daqui não vale lá. O que tem que se fazer o SIF, o selo federal, mas mesmo assim tem que ter o SIF e a vigilância sanitária do município. Nós não vamos vender aqui no município, vamos vender é no Distrito Federal. Mas está parado. Se nós tivéssemos a EMATER como assistência técnica nossa ficaria mais fácil. Tem que voltar o convênio. Não é difícil ser feito, mas tem que trabalhar muito para fazer isso aí. Quando a EMATER estava aqui era mais fácil porque a gente arranjava muita coisa com eles. Como a EMATER não está, aí complica. Você vê a dificuldade de quem está aqui no entorno de Brasília, a terra de ninguém, as coisas complicam. Nós produzimos aqui, não vendemos aqui, vendemos em Brasília e não temos a fiscalização à rua.

Participante 01 - Eu vejo assim. Tem gente que é individual, consegue SIF, consegue tudo. Também não é uma coisa de sete cabeças. Eu acho que é o seguinte, tem que ver o desejo das mulheres, reúne todas as mulheres, se elas querem. Primeiro tem que querer. Não é verdade. Tem que querer. Vocês querem ou não querem? Se querer, se for esse padrão, então é procurar os órgãos. Os órgãos conseguem. O que precisa fazer? Lá em casa eu vi um doce lá de Minas, com SIF. Entendeu, então, assim, se a gente quiser é ver a legislação, o que tem que fazer. A cozinha tai, tá forrada, tem isso, tem isso. O que precisa, traz o técnico aqui, precisa disso, disso e adéqua. O que precisa mais. É adequar.

Participante 02 - Tem um investimento muito alto aí para trabalhar só com eventos. Os eventos são pontuais e a intenção desse projeto é produzir, fazer com que gere receitas. Não pode ficar só com evento. Faz o evento aí fica parado. Tem que produzir. Conversei com elas e falei: vocês produzam pão, biscoito, pões nas padarias no mercado. Vamos vender, corpo a corpo. Nós não temos concorrente nenhum.

Fernando - Nesse primeiro momento é aproveitar os canais de distribuição que o grupo já tem.

Participante 02 - É levar o que já tem. Fazer produzir aqui e levar.

Fernando - Biscoito, doces, geléias. Não são perecíveis tem condição de armazenar. É a forma que já está construída por vocês. Quem vai comprar uma hortaliça, termina comprando um doce de leite, um doce de goiaba. Tem algumas coisas, que não sendo perecíveis tem uma boa saída nessas feiras. Pode produzir estoque para uns três meses, observando a validade de cada produto e ir levando semanalmente. Eu queria para ir fechando a nossa conversa, por

último, entender um pouco como é que se deu essa transição da gestão masculina para uma gestão feminina. Um dos nossos entrevistados aqui era o presidente, então, eu queria que você contasse como se deu essa dinâmica de gestão da associação.

Participante 01 - Até Teobaldo também como vice, não só dessa última gestão, mas como de outra antes. Acho que foi uma construção porque foi uma coisa até também muito cultural, uma coisa cultural pelo fato da oportunidade da mulher está participando. As diferenças e o apoio da Universidade de Brasília foi fundamental. Porque antes o estatuto, quem votava, tinha voto, era só os titular, né. Isso não fazia com que as mulheres viessem à reunião, não incentivava. Então com a mudança que o jovem, a mulher participasse, já foi uma abertura para isso, né. Então quando eu assumi, fiquei quatro mandatos e eu achei que no terceiro mandato já estava bom, no segundo mandato já estava bom, aí como estava andando alguns projetos, alguns diziam: continua porque está andando e tal. Aí quando chegou nesse último mandato, já estava muito ruim já, porque já tinha uma visão e muitos já achavam que a visão era minha, né, junto com o do grupo. Estava muito focado, também já estava na hora de sair. Para também aparecer outras idéias e, fizemos várias reuniões, foi muito aberta, quem poderia estar assumindo, como, aí apareceu as mulheres. É uma gestão nova ainda, com apenas quatro meses. Mas o que a gente vê é que tanto o grupo de mulheres, o próprio grupo, com esse trabalho que a universidade faz, reuniões, está todo mundo muito maduro hoje. A gente recebe aqui aluno da universidade, pessoal da escola alternância família, no galpão, que até são elas que preparam o evento. Aqui parece que todo mundo é técnico, todo mundo aqui já teve um nivelamento, de formação, muito grande. Então a gente ver que isso aqui foi uma construção. Independente de hoje ser presidente mulher, jovem, conseguimos fazer essa construção de nivelamento. E para falar sobre a gestão das mulheres é muito cedo ainda, mas foi um processo democrático. Vamos ver que vai acontecer, mas a nossa idéia não é só ver o vai acontecer, mas estar apoiando. Apoiando elas nos projetos, aonde elas precisam de apoio a gente está ajudando. Hoje estamos dando uma orientação para elas também, porque se não fosse, não se conseguisse, os eventos da universidade, elas que cozinhavam. A gente dá um apoio também.

Participante 02 - O projeto Sabor do Cerrado que elas administram. A gente está trabalhando, trabalha e trabalhará na construção de uma cooperativa. Isso não deixa ninguém inferiorizado. Elas se administram e os outros também, entendeu. Sem um interferir no outro. Aí você dá uma visão de cooperativa que amanhã pode ser o presidente um homem ou uma mulher. A questão é a capacidade. Falta muito dentre nós mesmo se capacitar, aí sim, as capacitações são bem vindas. Você quer uma cooperativa, de autogestão, se você tem um treinamento, você alcança seu objetivo mais rápido. Senão você fica concentrado naquela coisa, que aqui é só o homem, o homem, é o homem. É o presidente da associação e a mulher no máximo uma secretária. A gente também mudou essa visão, vamos trabalhar com as mulheres, para que elas também possam administrar a associação. Isso a gente pôs em prática e vamos ver o resultado daqui para frente. Foi maio agora que começou e estamos ajudando no que pode. A negociação lá fora com o Incra. Praticamente está fazendo aquilo que a gente deixou encaminhado, não é João? A gente tem um ofício, com ata, pedindo as políticas públicas para o assentamento, isso foi entregue em fevereiro. Vamos ver, estou ajudando no que posso. Vamos ver essas políticas do MDA, a gente tem que fazer o ofício, pedir e ficar cobrando, cobrando, cobrando. Tem que ter jogo de cintura, paciência e fé em Deus, porque senão não vai. O Incra é assim mesmo.

Fernando - Ok. Fica aberto para você comentarem algo mais que desejem sobre a realidade do assentamento, nesses últimos dois anos, o espaço está aberto para as considerações finais.

Participante 01 - Sim. Nesses últimos dois anos, a presença de vocês da Fundação Banco do Brasil foi muito válida porque, muita gente da FBB, só fica lá, porque é uma instituição dentro do Banco, né. Mostrou a cara aqui para gente, valorizando o nosso trabalho, de toda uma iniciativa aqui. E ajudou bastante nesses dois anos que a Fundação entrou, fortalecendo esse nosso trabalho desenvolvido desde oito anos atrás. E com certeza melhorou a qualidade de vida, a qualidade ainda tem muito o que melhorar, ajustar. Muitas pessoas ver como o nosso produtor chega e diz: olha eu quero conhecer o assentamento. A gente está vendendo ao pessoal que é de bloco de apartamentos e eles dizem admirados: “isso é produto da reforma agrária!”. Porque só se vê a reforma agrária de outra forma, né. Com essas instituições que entrou nos deu condições de chegar lá. E podemos chegar muito mais. Como produtos que falamos aqui, como o doce, bolachinha de alta qualidade, morango (nem o Carrefour hoje tem, assim, né), isso o próprio cliente fala. A gente ver que a qualidade a gente tem que fazer, né. O Carrefour está aqui e nós em frente. O cliente é quem faz a avaliação. Eles dizem que nunca comeu um morango do jeito que nós ofertamos. Então isso para a gente, a gente fica empolgado, com o que a gente faz, por ser da reforma agrária. A gente tem condições de nivelar com outros tipos de produção aí, convencional. A gente sente isso mesmo, que está faltando, para segurar esse mercado. É isso.

Participante 06 – A presença da Fundação aqui foi muito boa, né. A qualidade de vida melhorou bastante, com essa irrigação aí, melhorou bastante, né. E eu só tenho a agradecer.

Participante 02 - Com essa política da Fundação Banco do Brasil de desenvolver projetos nas comunidades de baixa renda, isso é uma afirmação muito positiva para o trabalho de vocês, que vocês fazem. O que está faltando alguma coisa aqui é apartamentos, infraestrutura, de uma hora para outra você dá um salto muito grande (Essa é uma visão de explorar o assentamento num viés turístico). É afirmativa, foi uma das melhores coisas que aconteceu aqui, está acontecendo. Agora é nós, nós tem que fazer a nossa parte.

Fernando – Ok. Agradecemos a participação de vocês nessa entrevista. Obrigado.

Entrevista em profundidade - Transcrição 02

Assentamento Colônia 01 – Padre Bernardo

Transcrição de grupo focal – 20.09.2010

Mediador: Fernando da Nóbrega Junior

Participantes:

Fernando - Bom estamos aqui junto ao grupo Sabor do Cerrado, representado pela sua coordenadora e nós vamos pedir para que inicialmente ela fale o nome dela e se apresente. Na seqüência, faremos algumas perguntas a ela.

Participante 03 - Meu nome é Roseclair Velozo Ribeiro e sou coordenadora do Grupo Sabor do Cerrado.

Fernando - Ok. Então Rose, você a frente dessa coordenação eu queria que você registrasse, dentro dessa trajetória, desse caminhar que vocês tiveram. Esse grupo ele se constituiu em que ano?

Participante 03 - 2003.

Fernando - 2003. E como é que você está vendo a evolução e, principalmente, agora nesse último ano - 2010?

Participante 03 - Bem expandiu bastante o nosso trabalho. Teve grande desenvolvimento das mulheres, né. Bastante oportunidade de emprego que agente teve e no momento os equipamentos foi ideal, foi excelente porque ajudou muito o nosso trabalho porque a gente precisava, inclusive o atendimento que estamos fazendo a UnB já é com os novos equipamentos doados pela Fundação Banco do Brasil.

Fernando - Cresceu em quantidade de pessoas envolvidas?

Participante 03 - Sempre que surge oportunidade. Em eventos para UnB a gente tá colocando 3-4 pessoas lá . Dessa vez mesmo foram cinco mulheres que já está trabalhando junto com a gente.

Fernando - Mas o grupo hoje é constituído por quantas mulheres?

Participante 03 - 12 mulheres.

Fernando - 12 mulheres. Ele já menor ou maior no passado?

Participante 03 - Não. Ele desde que começou era de 11 mulheres. Não ele era doze e saiu uma por motivos justos e aí a gente está com 11.

Fernando - E em relação à renda? Você perceberam que houve algum aumento de renda neste período, agora no ano de 2010?

Participante 03 - Houve bastante aumento de renda, porque como a gente trabalha, por exemplo, não é todo mês, mas sempre a gente tem uma oportunidade de estar , que nem par a UnB, a gente tira aí um salário mínimo.

Fernando - Por mês?

Participante 03 - Não, é sempre quando a gente está trabalhando. Por etapa, dois meses, falha três meses, depois volta de novo. Então eu acho que a renda melhorou bastante é um dinheiro que vem na hora certa.

Fernando - Então o grupo agora nesse momento está motivado?

Participante 03 - Estamos. Tá bem animado. Cada dia, agora o grupo que formar uma cooperativa para trabalhar com produtos derivados, então, assim, não sei se vai ser agora, mas é uma maneira que a gente está trabalhando e de envolver mais pessoas dentro do trabalho.

Fernando - Vocês agora estão fazendo há 4-6 meses esse trabalho para a UnB ou já tem quanto de duração.

Participante 03 - Varia um pouco quanto as datas das etapas que acontece, mas tem dois meses agora que a gente está. E aí a gente tem um recesso de um mês e então volta novamente. A gente vai fechar até dezembro.

Fernando - E as equipes aqui do assentamento se revezam, né?

Participante 03 - Se revezam. Um grupo de 3-4 mulheres por semana.

Fernando - Você está chegando agora. Né?

Participante 03 - É.

Fernando - Muito bem. Era só mais um contato para ver como estava o grupo. Deixo em aberto para uma consideração final que você queira fazer.

Participante 03 - Não, assim ... Agradecer mesmo, vocês foram de suma importância para a gente. Ajudou a gente no momento em que precisávamos mesmo, a gente já estava com um fogão emprestado e pegava as panelas emprestadas, então foi no momento exato mesmo que veio esses equipamentos para cada dia aumentar mais, as oportunidades vão surgindo.

Fernando - E as capacitações estão acontecendo?

Rose – Estão. Sempre está vindo alguém, complementando o nosso trabalho. A Emater tem feito um trabalho grande, aumentado a qualidade. Luiz trouxe também os chefes de cozinha que promoveu bastante aprendizado mesmo.

OBS: O participante 02 conseguiu junto ao MDA, um recurso que veio direto para a EMATER.